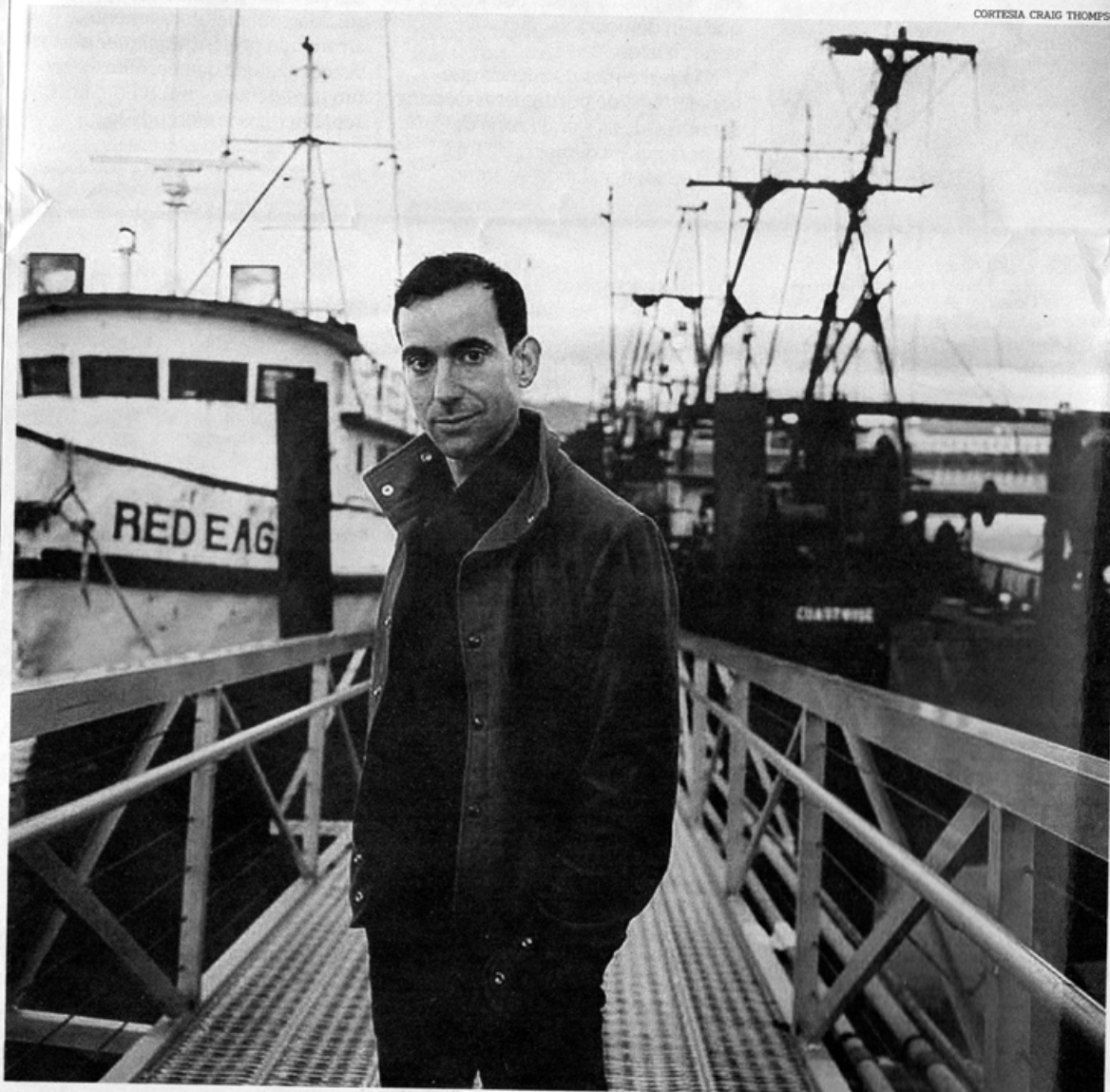


● Quase nove anos depois da sua edição nos Estados Unidos, *Blankets*, de Craig Thompson, chega a Portugal pela mão da Devir, inaugurando a Biblioteca de Alice, uma coleção dedicada à banda desenhada de autor. Motivo de celebração? Com certeza. O tempo não beliscou este livro profundamente pessoal, doloroso e otimista que narra a história do *coming out* [assunção] religioso do autor. Pelo contrário, permite revisitar as dúvidas, as certezas, as paixões que Thompson experimentou diante da fé, da religião ou da sua primeira namorada. E, pelo caminho, introduz quem lê e vê num contexto cultural tão estranho como familiar: o do Midwest e da direita religiosa norte-americana.

Blankets não é apenas uma obra confessional, uma autobiografia, é também um livro com ressonâncias políticas. E é-o enquanto banda desenhada, implicando os recursos formais e estilísticos e a memória desta arte. Porque, afinal, foi a prática do desenho, o desejo de representar, que ajudou a despertar a independência espiritual e o pensamento crítico do autor. Craig Thompson, de 37 anos, falou com o P2 a partir de Portland sobre a recepção da sua obra nos Estados Unidos, os extremismos da direita religiosa, as qualidades da figuração não-realista na construção visual das personagens e *Habibi*, a sua mais recente obra.

Blankets oferece ao leitor um retrato do fundamentalismo cristão numa América rural, isolada, quase obscura, pelo menos aos olhos de muitos europeus. Foi sua intenção? Não. Na verdade, decidi abordar a religião com alguma reticência. Queria que o livro fosse apenas um romance de aprendizagem, antes de perceber que tinha de

A BD de *Blankets* faz o retrato do fundamentalismo cristão numa América rural, berço do autor, Craig Thompson. Depois do sucesso nos Estados Unidos, chega a Portugal. E Thompson prepara já outros três livros, desta vez sem referências autobiográficas ou religiosas



CORTESIA CRAIG THOMPSON

confrontar os meus pais com o fim da minha fé. Mas já que fala no assunto, receei que muitos leitores, sobretudo os urbanos, não fizessem ideia do que estava a falar. E aconteceu o contrário. A minha infância bizarra e protegida era afinal uma experiência bastante comum nos Estados Unidos. Muitos leitores identificaram-se com a luta contra uma educação cristã fundamentalista e evangélica.

Quando o livro saiu em 2004, os seus pais reagiram muito mal...

Sim, a minha mãe disse que era obra do Diabo e que eu estava condenado ao Inferno. O meu pai levou as coisas para um plano mais pessoal. Achou que eu não tinha o direito de revelar as nossas vidas aos olhos dos outros. Perguntou-me se a minha infância tinha sido assim tão traumática. Respondi-lhe que isso não estava em causa e que a minha infância foi tão traumática como a infância de qualquer criança. Ao partilhar a minha história, quis apenas convidar outras histórias, partilhar ligações. Como escreveu Sherman Alexie [escritor e poeta], “quando contamos a história, perdoamos a história”. Devo dizer que oito anos depois, os meus pais aceitaram *Blankets*. Se calhar, chegaram à conclusão de que as situações que o livro narra são universais e não um juízo.

Através do desenho, celebra a representação da Natureza e do corpo feminino. De que forma a banda desenhada o ajudou a desafiar os dogmas da sua educação sobre a arte?

Não tenho uma grande formação artística. Estudei durante cinco meses numa escola de Artes e achei a maioria das disciplinas muito aborrecidas, com excepção do Desenho de Modelo Vivo. Quando regresssei a casa, estava ansioso para mostrar o meu trabalho, mas os meus pais evitaram-no num misto de silêncio e aversão. Sabe, cresci numa família que contribuía com

● O espelho de água junto ao tribunal de Cabeceiras de Basto deu-se ao fio. Cá fora, a temperatura não passa de um grau e a água gelou. No cimo das escadas, a placa metálica não deixa margem para dúvidas: este é um edifício novo. “Inaugurado a 3 de Julho de 2009”, lê-se. O Estado investiu três milhões de euros naquele equipamento que alberga outros serviços públicos, mas o Ministério da Justiça (MJ) quer encerrá-lo com a reforma do mapa judicial.

A decisão apanhou toda a gente de surpresa, desde logo o presidente da câmara, Joaquim Barreto. “Vi a notícia nas televisões e achei que se tratava de um engano”, confessa o líder da distrital de Braga do PS, que há 18 anos lidera a autarquia. Mas nos dias seguintes percebeu que a decisão era para levar a sério.

Os argumentos do MJ não convencem o autarca, que encontra nos advogados locais total apoio. “Será um enorme desperdício desaproveitar este tribunal”, afirma o presidente da delegação local da Ordem dos Advogados, Francisco Castro Fraga.

Num concelho pequeno - 16.710 habitantes - há apenas 14 advogados. Na quinta-feira passada reuniram-se para analisar a proposta do Governo e do encontro saiu uma posição unânime: “Os advogados desaprovam a medida e vão lutar para que o tribunal se mantenha aqui”.

No último ano, deram entrada no tribunal local 1505 processos, mas os critérios do Governo avaliam os processos expectáveis após a reorganização do mapa. É isso que justifica que Cabeceiras de Basto tenha 238 processos nas contas do MJ - menos 100 que o tribunal substituto, em Celorico. Mas os advogados locais discordam dos números.

“Não estão incluídos processos que deviam estar, como as habilitações, expropriações e incidentes por apenso”, diz Castro Fraga. O estudo “peca pela desactualização”, porque é feito com números de 2008 a 2010 e não tem em conta a tendência recente, que no último fez disparar os processos para 290, mesmo com os

1. Na sexta-feira o Hélio alugou uma carrinha para as fantasias. Só à minha porta tinha de entregar dez. E como fantasia de sambódromo tem muitas partes, eram dez Papas tipo monte-você-mesmo.

– Aqui estão as partes com tamanho diferente – explica Hélio, entregando-me o primeiro saco.

Cada saco traz túnica, mitra, sandália, turíbulo e por fora uma etiqueta com o nome: Christiane, Bárbara, Ramon, Márcio, Lúcia, Luciana, Marta, Fernanda, Alexandra e Theo. Entre tanto ateu vale sempre a pena ter o superior hierárquico do Papa.

Somos quatro a esvaziar a carrinha e mesmo assim demora. É que além dos sacos há as partes de tamanho único, tão grandes que não cabem em sacos: a gola-capa, com os seus ferros de dar cabo de clavículas; o resplendor, com um sol um pouco amolgado da viagem.

– Você bota a mão aqui por dentro e endireita, ó... – demonstra Hélio.

Foi ele mesmo quem fez as fantasias. É o director da nossa Ala, chamada Ala do Clero.

Enquanto isso, a Preta e a Bela, que do céu só temem trovoadas, tentam cheirar as partes papais. Imagino a desilusão: nada que se coma.

2. De sexta para sábado desvio resplendores para ir do quarto à sala. A minha cómoda tem uma instalação de pedras e lantejoulas que se descolaram no desembarque. Até que sábado à noite nos concentramos, seis portuguesas, três cariocas e uma mineira, todos a transbordar do quarto, a encaixar partes.

A parte mais difícil é encaixar o resplendor na gola. Além dos ferros da frente, que massacram as clavículas, a gola tem uns buracos atrás, para receber os ferros do resplendor. Cronenberg versão Idade Média.

Mas as sandálias do Márcio que deviam ser 44 são 39. Não conseguimos passar pela porta com a mitra, não conseguimos passar pela porta com a gola. Os raios dos resplendor enredam-se uns nos outros quando voltamos as costas.

Decidimos descer a ladeira só de túnica e sandálias, pobres como Cristos, levando as riquezas debaixo dos braços. O plano é apanhar táxis até ao Largo do Machado, onde acontece a primeira concentração geral. A questão é que somos dez Cristos com os braços cheios de paramentos: precisamos de uns cinco táxis e nem um que nos queira levar.

Felizmente a paragem final dos ônibus do Cosme Velho é do outro lado da rua e há um que daqui a nada desce para o Largo do Machado. Felizmente está vazio, porque também não cabia mais ninguém.

3. No Largo do Machado, o ponto é o boteco Estação, e já lá estão luzes da nova geração do samba como Moacyr Luz e o meu guru Gabriel Cavalcante, a quem também chamam Gabriel da Muda. Eles não só vão desfilar pela nossa escola, a Império Serrano, como desfilarão no próprio carro da Dona Ivone Lara, musa e tema do nosso samba-enredo.

4. “Diz que o dom de compôr é coisa de mulher”, canta a letra. Imaginem nos anos 40 uma negra a compôr. Ela fundou a Império Serrano em 1947, na Ala das Baianas, e desde então como compôs. Clara Nunes, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Roberta Sá, todos cantaram coisas dela.

Está a caminho dos 91 anos e lá estará esta noite. Todo o nosso desfile é para ela:

Dona Dama Diva...

Estrela do samba de luz radiante
Show no “Opinião”

Parceira de bambas carreira
brilhante

Com a liberdade num lindo
alvorecer

Sonha nossa terna mãe baiana
Seu sorriso negro não dá pra
esquecer

E hoje nosso Império aclama

Dona Ivone
Lara Ia Laia
Lara Laia
Lara Laia

Gosto especialmente desta parte do Lara laialaialaia, porque com os nervos esqueci tudo o resto.

5. Distraímos-nos no passeio do boteco a encaixar resplendores e nem damos pela debandada geral para o metro. Então corremos para a escada rolante na medida das nossas possibilidades, perdemos um metro mal chegamos ao cais, apanhamos um que afinal vai para outra direcção, temos de voltar atrás, mudar de linha, e tudo isto sempre na pele de Cristo já meio-Papa. Uma hora, só no metro.

6. Saindo pela Praça Onze, há quem defenda que o caminho é para a direita e quem defenda que é em frente. Mas o Márcio já decidiu que é em frente e portanto vamos atrás dele, em fila indiana.

Antes de entrar no sambódromo, cada escola alinha as suas alas e carros alegóricos na avenida. Mas como achar a

● O teste de Matemática vai começar em minutos e a professora Manuela Sarmiento, de Educação Especial, dirige-se à turma do 4.º ano da Escola Básica Conde de S. Cosme, em Famalicão. “O que é preciso é...”, diz em voz alta. Depois, movimentada as duas mãos, para trás e para a frente, de cada lado do rosto. A turma dá a resposta esperada: o que é preciso é “ATENÇÃO”, respondem as crianças em coro. Entre os 21 meninos há quatro crianças surdas. Para que a inclusão seja uma realidade, a turma está a aprender Língua Gestual Portuguesa desde o 1.º ano e a experiência é descrita por todos como um sucesso que até já deu um livro - ou melhor, três.

Na véspera houve ficha de Português e os resultados não foram famosos. Antes de avançarem para o teste de Matemática, a professora questionara a turma, por gestos, sobre a reacção dos familiares das crianças às notas. “Os pais ficaram felizes?”, pergunta. Eles respondem que não e, sempre por gestos, explicam que ficaram “tristes” e “zangados”. Entretanto, é a vez de a professora Paula Azevedo retomar as rédeas da sala. Lê o enunciado devagar, enquanto a professora Manuela traduz as suas palavras em gestos, junto a

Hélder, um dos meninos surdos da turma. Quando a professora de Educação Especial tem de deixar a sala por uns minutos, a tarefa é rapidamente assumida por Sofia, que recorre a gestos expressivos para traduzir o que ouve ao colega do lado.

A Sofia e o Hélder são dois dos meninos surdos da turma, assim como o Nuno Rafael e a Daniela, que está a faltar ao teste por causa de uma consulta médica. Os quatro são surdos, mas já ouvem alguma coisa. O Hélder e a Daniela fazem-no graças a um implante coclear, a Sofia e o Nuno têm uma prótese. Ainda assim, aquilo que ouvem não é o mesmo que os colegas sem problemas auditivos. Foi o que lhes mostrou a todos um especialista que um dia foi à escola e fez uma experiência, revelando-lhes as diferenças.

“O som que ouvem é mais metálico. Na verdade, é um som horrível, completamente distorcido. Eles têm a percepção do som, mas é algo completamente diferente do que nós ouvimos”, explica a professora Paula Azevedo, que lecciona há 25 anos e nunca, antes de lhe ser entregue esta turma, há quatro anos, tinha ensinado uma criança surda. Hoje, a sua sala de aulas é a sala de uma equipa multidisciplinar: duas

professoras do Ensino Especial, uma professora de Língua Gestual e uma terapeuta da fala.

Não há atropelos, e a oralidade e os gestos entrecruzam-se com normalidade. Paula não esconde que descobrir que ia ter crianças surdas na sua turma foi um choque. “Eu já tinha trabalhado com meninos com outro tipo de problemas, mas em relação à surdez estava a zero, não sabia nada. Uma semana antes do início das aulas soube que ia ter esta turma e fiquei em pânico.”

O medo e a preocupação não foram só dela. “Foi um medo generalizado”, refere Paula. Manuela, por seu lado, lembra que alguns pais das crianças ouvintes manifestaram receio que a presença dos colegas surdos pudesse atrasar o normal funcionamento das aulas, afectando os seus filhos. Já os familiares dos meninos surdos temeram que pudesse haver alguma dificuldade de inclusão, alguma rejeição. “Nota alguma diferença entre eles? Não, pois não? Correu tudo tão bem. Somos uma família, parece que foi tudo escolhido a dedo. Os pais estão sempre em contacto uns com os outros, as professoras são espectaculares, os meninos dão-se todos bem. Estamos sempre a

ajudar-nos uns aos outros e somos muito unidos”, diz hoje Maria do Sameiro, 39 anos e mãe do Hélder.

Amigos novos

No início houve uma reunião. Explicou-se que aquela turma seria diferente das outras e que contaria, por isso, com apoio especial. Por não ser esta a escola de referência para crianças surdas - essa fica em Braga - foi preciso pedir o apoio da câmara e é a câmara que paga o trabalho de Alexandrina, a formadora surda de Língua Gestual. Os meninos foram avisados em casa que teriam uma turma um pouco diferente. Diogo lembra como foi: “Antes de vir para a escola estava nervoso. A minha mãe disse que ia ter amigos novos, amigos que não eram iguais a mim, que tinham problemas de surdez. Mas não soube explicar muito bem o que isso era.” Gonçalo, óculos encavalitados no nariz, completa: “O meu pai explicou-me que íamos aprender uma língua nova. Eu pensava que era igual à nossa. Não sabia que seria feita com as mãos, mas foi fácil aprender.”

Hoje, o Gonçalo usa a língua gestual com desenvoltura. Muitos dos seus colegas também o fazem. A professora Paula brinca dizendo que os alunos se metem com ela

por não “falar” tão bem quanto eles e admite que às vezes até lhes pede ajuda para traduzir alguma conversa. Para os miúdos, comunicar por gestos tornou-se tão natural que - confessam alguns - às vezes até se esquecem e fazem-no em casa. Na escola, fora da sala de aula, recorrem aos gestos para comunicar, às vezes, no recreio, quando não estão à distância da voz. Mariana gosta de falar por gestos com a irmã mais nova, que tem a síndrome de Down. Gonçalo usa os gestos, às vezes, para comunicar com a irmã de dois anos e meio. “Entende tudo o que lhe quero dizer assim”, garante o rapaz. Ninguém se queixa por ter uma matéria extra para aprender e as vantagens saltam das bocas dos miúdos, durante o intervalo da aula. “É bom saber língua gestual, porque assim ficamos com mais amigos”, diz o Pedro. O Gonçalo explica: “Se um dia mais tarde encontrar uma pessoa surda, já sei comunicar com ela.” A Mariana acrescenta: “É bom, porque aprendemos mais línguas e conseguimos comunicar com mais pessoas.”

Com um grande laço cor-de-rosa na cabeça, a Mariana é apanhada, durante o teste, a comunicar por gestos com outros colegas. A professora Paula chama-lhe a

nossa ala? Deambulamos entre milhares de fantasias que não são a nossa, outras cores, outras plumas, outras tribos. Quando avistamos um Papa é uma luz, até percebermos que ele está tão perdido como nós. Um Papa em forma de mulata dá-nos uma descompostura por não termos vindo ao ensaio, mas quando lhe pergunto onde está a nossa ala ela também não sabe.

Na próxima hora recebemos várias instruções:

– É entre o carro três e o carro quatro.

– É à frente do carro três.

– É mais à frente.

Babel. Babel com camelôs a venderem cerveja em lata, e cheiro a urina, e pior. Mas somos damas, donas, divas. Brilhamos de suor e purpurina.

7. Quando encontramos a Ala do Clero é o reconhecimento da espécie. Eles têm turíbulo como nós, mitras como nós, ferros nas clavículas como nós. Um sentimento ancestral, bíblico mesmo.

8. Acabaram-se os nervos. Estamos entre os nossos, agora é só esperar. Mais cerveja, mais fogo de artifício. Lá em casa, a Preta e a Bela devem andar loucas porque o céu está de novo a rebentar. Mas não chove, ao contrário do ano passado.

Não muito longe de nós há uma carrinha e um magote de gente. No meio, uma cadeira de rodas com uma velhinha negra muito elegante, imóvel.

Serra dos anos dourados da nossa história

Desperta e vem cantar feliz

O jongo e o samba de raiz

No enredo desse carnaval

Que não é sonho meu pois ela é real

Ivone Lara Ia

Real mesmo. É ela, à espera de ser içada para o carro alegórico.

9. A nossa entrada estava marcada para as três da manhã. Passa das quatro quando entramos. O som é tão alto e tão surdo que

mal ouvimos o refrão, quanto mais a letra. Mas o que importa é parecer que cantamos, dançando para a esquerda, dançando para a direita, lara laialaialaialaia: Dona Ivone! Nem são os milhões na televisão. São os 70 mil aqui, no sambódromo, agora aumentado e mais iluminado. Um chapão de luz na cara, arquibancadas de gente até ao infinito.

Parece o infinito.

10. Esta é a primeira noite dos desfiles de 2012, a noite do Grupo de Acesso, ou seja Segunda Divisão. Só vai subir à Primeira quem ganhar. A Império Serrano, que em triste hora caiu, está apostada em subir. Os veteranos dizem que os carros são os mais vistosos em anos. Da minha parca experiência confirmo que a fantasia de 2011 nem por sombra tinha tantas partes.

Em suma, à Império, esta noite, só interessa o primeiro lugar. Olha a responsabilidade: la-lara-laia-laia-laia-lara! Dona Ivone!

11. O infinito acaba naquele arco de betão desenhado por Niemeyer, autor do sambódromo. Vemos o arco e por trás dele o morro que daqui a pouco vai amanhecer. Quando a luz acaba debaixo dos nossos pés, precipitamo-nos no escuro. É como aterrar de um voo de Asa Delta. Nunca aterrei de um voo de Asa Delta, mas esta é a cara que as pessoas têm: atordoada, de quem vem de um sonho, do céu mesmo.

12. E cá estamos, à saída do sambódromo, à entrada do túnel: damas, donas, divas, todos nós, sentados no passeio, descalçando tacões e sandálias, despindo túnicas, largando asas. Desta vez não vi o camião do lixo a engolir tudo. Só uma lixeira de brilhos, esplendorosa. Pronto, uma mitra para mais tarde recordar. Vá lá, uma mitra e um turíbulo.

Cinco e meia da manhã. Hora de ponta e dos táxis cobrarem caro. Ah, aquele ônibus de trás vai para o Leblon. Vamos correr?

fez três filmes [*Zeitgeist: The Movie*; *Zeitgeist: Addendum* e *Zeitgeist: Moving Forward*] para mostrar às pessoas que temos de reavaliar o nosso sistema, porque a eficiência social está a ser deliberadamente acorrentada. Como Jacques Fresco notou: “Quando vou ao médico, não sei se ele está a propor extrair os meus rins porque precisa de pagar a sua hipoteca ou porque estou mesmo doente.” Quando estamos perante um problema lucrativo, não podemos confiar em nenhum motivo. Tudo se baseia no crescimento exponencial. *What the fuck does exponential growth mean?* Significa que as *corporations* detêm o monopólio do poder e que as pessoas têm menos controlo. As pessoas comentam: “Lá [no Médio Oriente], não são democráticos.” A diferença é que na Europa tiveram mais tempo e experiência para esconder a corrupção.

Este álbum é também uma homenagem ao povo egípcio?

A revolução começou em Janeiro de 2011. Em Fevereiro, eu e Samy tínhamos bilhetes para ir ao Egipto. Estavam os voos reservados, quando fomos informados de que haviam sido cancelados. Ficámos o dia todo a ver a Al-Jazira, a CNN e outras televisões. A Praça Tahrir [no Cairo] parecia papel de parede – presente em toda a parte. A forma que encontrámos de participar foi fazer uma ligação com *Mounqaliba*, que tem mensagens sobre evolução e revolução. Decidimos remisturar estas canções, tão relevantes, e fazer um vídeo com tudo o que se passava lá, naquele preciso momento. Continuo a ir ao YouTube ver esta lembrança, porque, embora Mubarak já não esteja no poder, o seu regime mantém-se de pé, personificado por Tantawi [presidente do conselho supremo das Forças Armadas] e pelo Exército. Na Praça Tahrir, muitas mulheres foram para a linha da frente e agora estão a ser marginalizadas...

... este é mais um exemplo de que o velho regime se mantém. Quando há uma luta ferrenha pelo poder, uma das primeiras coisas que vemos é a marginalização das mulheres. É muito fácil atacar as mulheres e era inevitável que iria acontecer. Isso deixa-me enfurecida.

A belly dancing foi uma arte sublime no Egipto, com Tahia Carioca e Samia Gamal. Hoje, o valor artístico da dança oriental quase desapareceu. Como

dançarina do ventre, sente essa pressão?

Aqui está outro sintoma do que se passa globalmente: o financiamento das artes ser uma das primeiras coisas sacrificadas, quando há recessão económica. Tínhamos uma *tour* marcada para o Reino Unido que teve de ser cancelada, porque não obtivemos fundos. É uma vergonha que a dança do ventre esteja a perder valor artístico, mas há uma supressão das artes em todas as suas formas.

A regressão, no caso da belly dancing, deve-se apenas a factores económicos ou também religiosos?

Acima de tudo, a factores económicos, mas é claro que logo a seguir vêm os religiosos. Há duas maneiras de escravizar uma nação: uma é pela espada e outra pela dívida. A da espada é atribuída à religião; o resto à dívida. Mas tudo começa na escassez. Se não temos o suficiente, tornamo-nos mais intolerantes.

A revolução já é irreversível?

Creio que sim. Tenho esperança de que as pessoas continuarão a ser resolutas, embora a vida seja cada vez mais difícil. É normal que alguns sejam tentados a desistir, mas outros serão resistentes: “Se abandonarmos a luta agora, todas as mortes terão sido em vão.” De momento, a situação não parece boa, mas creio que há muita coisa a fazer – e não apenas no Médio Oriente. Também nos países ocidentais, onde as pessoas começam a despertar. Reparemos no que se está a passar na Grécia, um país que parece ser propriedade de outros países. É como se tivéssemos recuado ao colonialismo do passado, com os Estados incapazes de pagar as suas dívidas. Não podemos aceitar que nos reduzam a um monopólio do FMI ou seremos todos escravos. **Qual é afinal a melhor definição de si própria: “uma nómada”, uma “Faixa de Gaza humana”?**...

... disse essa última, quando tinha 19 anos. Naquela altura fazia sentido, porque referia-me à complexidade de ser ocidental com origens orientais – ou seja, nunca podemos pertencer a um só lado. Essa definição tem-me seguido como se fosse a minha bagagem. É engraçado que Peter Joseph disse-me recentemente: “Natacha significa natividade e Atlas era o deus grego que foi condenado a suportar o mundo nos seus ombros.” Às vezes é assim que me sinto.

processo longo, exigido pela população desde 1987. Mas só em 2005 foram abertas as propostas para o concurso de empreitada - lançado quatro anos antes -, tendo a construção começado três anos depois. O tribunal partilha as instalações com os serviços do Registo Civil e as Finanças, mas ocupa quase dois terços da área construída. Quem o utiliza elogia "a qualidade das instalações".

É o caso de António Fraga Carvalho, advogado na comarca. "Poucos tribunais se poderão comparar em todo o país", diz. A sala de audiência tem "acústica excelente", existem salas de tradução simultânea e uma entrada pela cave para os arguidos, com duas celas de espera.

Os processos da comarca de Cabeceiras de Basto vão ser transferidos para o concelho vizinho de Celorico de Basto - 20.098 habitantes. A viagem entre os dois tribunais demora pouco mais de meia hora e os primeiros oito quilómetros, até Arco de Baúlhe, são feitos numa

1505

processos deram entrada em 2011 no tribunal, mas os critérios do Governo avaliam os processos expectáveis após a reorganização

via nova, que dá acesso também à auto-estrada A7. O problema são as 99 curvas distribuídas pelo 11 km seguintes, até ao cruzamento de Fermil. E ainda faltam uns minutos até termos contabilizado os 25 km que separam as duas vilas. "É para chegar lá enjoado", garante o gerente da pastelaria *A Cave*, Nuno Carvalho. Há quatro anos, decidiu abrir ali um filial do estabelecimento comercial que detinha já no centro da vila. Sabia que estava projectado para o local o tribunal e o novo centro de saúde também não está longe, o que justificou o investimento.

"Esperemos mesmo que não feche. Não é só por causa do negócio, é também pelas pessoas, que não têm transportes para ir a Celorico", comenta. A esperança da população, expressa pelo empresário, é também a do autarca Joaquim Barreto: "Isto é um ensaio. Continuo convencido que há um engano, que há-de desfazer-se a qualquer momento".

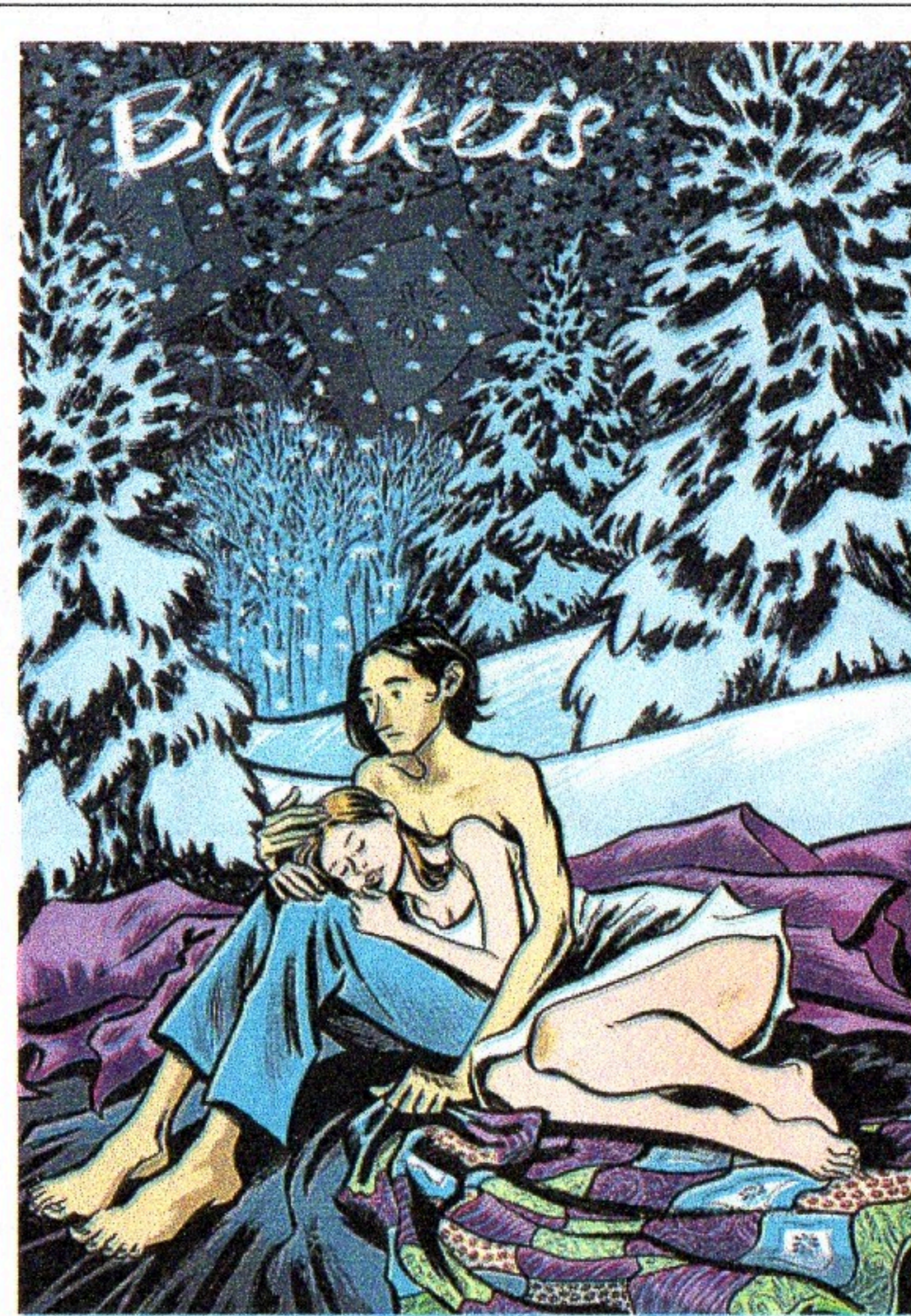
dinheiro para a American Family Association, um grupo que luta pela extinção da Civil Liberties Union e da National Endowment for the Arts [direitos e liberdades individuais e o fundo nacional para as Artes que recebe apoio do Governo federal, respectivamente] que defende que a arte é uma actividade egoísta, por vezes satânica e que os talentos criativos só são justificados quando ao serviço da fé. Para mim, a banda desenhada foi um acto de desafio a uma fé que afirma ter todas as respostas. Ajudou-me a pensar novas perguntas em vez de cair numa certeza cega. **Tinha o acesso à televisão, à rádio e aos livros muito condicionado. Não deve ter sido fácil chegar à banda desenhada...**

Vivíamos numa cidade pequena no Wisconsin e o único sítio onde tínhamos acesso a banda desenhada era uma drogaria que tinha a um canto um expositor com edições dos *X-Men* e do *Super-Homem*. Mas com o tempo deixou de vender e passámos a comprar a partir de um catálogo. Foi um período que coincidiu com a nossa vida de rapazes do campo. Trabalhávamos todos os Verões nos campos de ginseng, durante quatro horas. Pagavam-nos um dólar por hora, o que dava uma revista por hora. Foi assim que construímos a nossa colecção. Recebíamos encomendas todas as semanas e como os meus pais achavam que a banda desenhada era entretenimento infantil, não era detectada pelo "radar".

Para além dos seus pais e irmão, a outra personagem principal, senão a principal, é Raina, com quem inicia e termina uma relação amorosa. Desenha-a com traços mais realistas, ao contrário de si próprio, que tem corpo e face de desenho animado.

É verdade. A minha face tem uma qualidade de marioneta. Em parte, teve a ver com a necessidade de me distanciar um pouco da personagem

A edição portuguesa de *Blankets* chegou pela Devir, numa colecção dedicada à banda desenhada de autor. Craig Thompson (na página da esquerda) tem mais três projectos em mãos. *Habibi* (em baixo), tem sido fonte de polémica nos Estados Unidos



vi-me em Paris, numa cultura diferente, com um língua diferente. Foi uma experiência incrível, nunca mais voltei a ser o mesmo. Mas o choque cultural foi mais doloroso quando regressei ao Wisconsin. De repente, tudo me parecia grosseiro, bestial, demasiado ruidoso.

O Midwest é assim tão diferente da Europa?

Posso parecer presunçoso, mas para mim a diferença é quase abismal. Vivo em Portland onde esse contraste é menos severo, mas enquanto vivi no Wisconsin nunca ouvi outra língua. Pode ser que as coisas estejam a mudar com a Internet. Hoje qualquer miúdo tem oportunidade de comunicar com outras pessoas. Creio mesmo que o mundo rural onde cresci está em vias de desaparecer e de certa forma vou fazendo o seu luto.

Um luto que esconde um sentimento de nostalgia?

Não, nostalgia não. Talvez um fascínio por uma cultura pré-Internet. Apesar de ser um meio muito opressivo, também tinha uma certa magia, talvez por ser muito isolado. Foram tempos dominados pela ignorância e pela inocência. **Lançou no ano passado *Habibi*, livro que se afasta do registo autobiográfico. Sentiu necessidade de dar esse passo?**

Sim. Depois de fazer o *Blankets*, estava farto de me desenhar. Ironicamente ainda fiz outro livro autobiográfico, *Carnet de Voyages* [Top Shelf, 2004], uma espécie de diário "gráfico". Desenhava à medida que as coisas iam acontecendo e foi publicado um mês depois de o concluir. Mas ainda sentia que a arte era uma actividade egoísta e desenhar-me a mim próprio ampliava essa sensação [risos]. Queria continuar a fazer histórias que são íntimas, vulneráveis e pessoais, mas já não queria ser o centro da acção.

***Habibi* tem sido recebido nos Estados Unidos com alguma polémica, a propósito da**

marcas no terreno, composta por casas e casinhas que criam um rendilhado caótico e complexo”, explica o artista, que soube o que queria fazer na barragem assim que ali chegou com Calapez. “Este projecto era uma oportunidade única de trabalhar a uma escala que permite levar as ideias longe e explorar a eterna questão da relação do homem com a natureza, que na Bemposta é de uma magnitude extraordinária, emocionante.”

Nunca foi sua intenção usar a cor como uma provocação. Assumindo que é função do artista criar condições para o novo numa sociedade que é renitente à mudança, diz que a população vai acabar por se habituar. “Era preciso que a mão do homem se arriscasse a ambicionar ter uma dimensão igual à da natureza, que ali tem uma ordem escondida e é brutal, esmagadora, agreste, bela, viva - o contrário absoluto do jardimzinho.”

71 painéis

À “gigantesca flor amarela” que se espalha pela encosta, entre o rio e o céu, e que quer contribuir para a integração da barragem no território, Pedro Calapez contrapõe *71 Volt (magia eléctrica)*, na sala das turbinas de Picote, a 160 metros de profundidade. É uma série de 71 painéis em vidro tempe-

rado, divididos em quatro grupos e carregados de sinais ligados à energia. São rodas dentadas, símbolos de água, geradores, válvulas e postes de alta tensão. Calapez explica: a obra, que se inspira numa série de pinturas murais do francês Raoul Dufy, evoca “uma janela colorida num espaço onde só a luz artificial existe e a noção da passagem do tempo é difusa”

Para chegar à “grande caverna” com um pé-direito de 12 metros de altura e as paredes rochosas, é preciso percorrer um longo túnel, com uma imagem de Santa Bárbara à entrada. Esse túnel fascinou Calapez, que em criança visitava barragens com o pai. “A desmesura daquele espaço marcou o que acabei por fazer, depois de muitos desenhos. Gostava que a obra ajudasse a transformar aquele espaço utilitário num lugar de contemplação e autoconhecimento, pelo menos às vezes.” Cabrita também quer que *Da cor das flores* leve quem a vê a olhar para si próprio. “Na natureza há algo de igreja, não interessa o credo. E nas igrejas há um desejo de absoluto. Fico feliz se as pessoas pararem na Bemposta para pensar.” Pinharanda resume o resultado: “Cabrita transforma para integrar na paisagem, num gesto heróico; Calapez devolve-nos a interioridade, preciosa e delicada.”

Brasil vai ser sede”. São eles que vão “projectar o Brasil para o mundo”. “É também uma oportunidade histórica para alavancar o desenvolvimento do país”, alerta.

Pesquisador, professor de Política Internacional – a sua área é política da economia para o desenvolvimento –, está em Portugal para se reunir com o ex-administrador da Sociedade Euro 2004, Paulo Lourenço, e perceber o impacto que o Campeonato Europeu de há oito anos teve no país. Mas também veio para se inteirar das obras para a Expo 1998 e da reabilitação da zona ribeirinha lisboeta.

Do exemplo português do Euro 2004 sabe que nem tudo correu bem. Dos dez estádios para a prova portuguesa (4 estádios de clubes, privados, e 6 de câmaras municipais) poucos são viáveis economicamente. Tirando os três clubes “grandes”, o resto passa por dificuldades e alguns são “elefantes brancos”, termo que o jornalista brasileiro Juca Kfourri utilizou como um futuro provável no Brasil a seguir à Copa de 2014. “Não faz sentido construir estádios novos em Manaus, Natal e Brasília (que não tem nenhuma

equipa nem na II Divisão nacional)”, lembrava Kfourri ao PÚBLICO, em entrevista no início de Fevereiro.

Estádios para quem?

“O grande objectivo é conseguir transformar eventos desportivos em pilares de desenvolvimento”, destaca Fernandes. “E mostrar ao mundo a competência, o Brasil tem que surpreender, encantar e emocionar o mundo”, continua antes de explicar que o Brasil tem uma das mais baixas assistências nos estádios a nível mundial (ronda os 24 por cento de lotação dos recintos) e a ideia é conseguir chamar um novo tipo de público.

Portugal construiu dez estádios num território que tem o tamanho do Rio de Janeiro. Os 12 recintos para o Mundial de 2016 vão ser espalhados por um país imenso (é o quinto maior do mundo). “Isto vem na altura certa”, diz Fernandes. O Brasil tem hoje uma auto-estima do tamanho do seu território nacional, a conjuntura económica é favorável e não há receio de falhar, continua o responsável.

Se no futebol vencer o título de campeão do mundo pela sexta vez

(depois de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002) parece um objectivo razoável – Fernandes gostaria de vencer a final com um golo de Neymar... – já os Jogos Olímpicos parecem uma tarefa de longo prazo. Há exemplos bons (Barcelona, em 1992, que transformou o desporto espanhol, é um deles) e maus (Grécia, em 2004). E aquele que o Brasil parece querer seguir, que é a Austrália, nas palavras de Marco Klein. O responsável pelo Alto Rendimento do desporto brasileiro quer manter o país no caminho das medalhas e o exemplo australiano é o “melhor”.

Desde a primeira organização, em 1956 (Melbourne), os australianos conseguiram manter-se no topo do medalheiro, com uma média de 19 medalhas por participação. E a partir de 2000 (Sydney), a média saltou para as 51 medalhas nas três últimas participações. Números longe dos apresentados pelo Brasil, país que nunca foi anfitrião e que tem uma média de 4,5 medalhas. Mesmo assim superior a Portugal, com uma média de 1 medalha por participação (conquistou 22 em 22 participações).

atenção, enquanto sorri à socapa. “Está a copiar por gestos. Vai ser bonito, quando forem para outra escola e os professores não se aperceberem do que estão a fazer...” Para a Mariana, todo o contexto da turma em que está inserida é ainda mais especial, porque também ela tem problemas de audição.

Já foi operada duas vezes aos ouvidos, uma quando tinha quatro anos, a outra recentemente, depois de aos dois anos ter começado a apresentar problemas. “A minha mãe chamava-me duas ou três vezes e eu não ouvia.” Diz que conviver com meninos surdos na sala de aula a deixou “mais calma” em relação ao problema que enfrentava e com uma criança com síndrome de Down em casa não foi nada difícil conviver com outra diferença. “Quando vim para a escola, disseram-me que ia ter colegas surdos, que era mais ou menos como ter colegas como a minha irmã, mas com perda de audição”, diz.

A professora Paula, pelas mãos de quem já passaram tantas crianças, nota nesta turma algo de diferente. “A nível comportamental não há comparação. São muito mais abertos às necessidades dos outros e têm um grau de sensibilidade muito mais

desenvolvido. E não só entre eles. Há aqui na escola uma turma do 1.º ano que tem um menino autista. Automaticamente, foi adoptado por eles. Com uma menina com paralisia cerebral foi a mesma coisa, até a trazem para a sala. Ao menino autista já ensinaram as letras todas da Língua Gestual!”

Na sala de aula, a professora chama discretamente a atenção para o exemplo prático do que acabou de descrever. Toca para o intervalo, o teste é posto temporariamente de lado, e o Nuno prepara-se para sair. Nuno não é surdo, mas sofre de distonia muscular grave e foi operado há poucas semanas. Sem que seja preciso alguém pedir, o colega do lado ajuda-o a arrumar as coisas no estojo. “É sempre assim”, diz a professora Paula, lembrando que o dia da cirurgia do colega foi, para o resto da turma “um dia perdido”. Queriam saber os pormenores do que estava a acontecer na sala de operações ao minuto. “Não é preciso pedir nada a ninguém. Habituar-se a organizam-se entre eles para prestar o apoio necessário.”

Para que esse acto seja tão natural hoje poderá ter contado uma regra instituída na sala desde o primeiro momento - todas as semanas os alunos mudam de

lugar. As professoras ficam um bocado baralhadas, procurando em determinada cadeira o aluno que ali se sentava na semana anterior, mas que já saltou para outro lado qualquer. A pedido de Paula, a Íris começa a explicar o objectivo destas mudanças: “Todas as semanas trocamos de lugar porque...” Engasga-se e é o colega Diogo que termina a frase: “Para sermos mais unidos, mais amigos.” Também desde o primeiro dia, os meninos começaram a desenvolver um porta-fólio pessoal, onde colocam todas as fichas informativas sobre língua gestual e todas as actividades em que participam. E aqui chegamos ao livro que fez a turma saltar para as páginas de jornais.

Chama-se *O Jardim Secreto dos Sons* e, depois de ter sido lançado em Novembro, vai já na 2.ª edição de 500 exemplares. Este é já o terceiro livro que a turma produz, mas foi o primeiro a ser comercializado e a saltar os muros da escola. O método de produção foi simples: todos os fins-de-semana, uma criança levava para casa o que já tinha sido escrito; a primeira criança fez a capa e criou a personagem principal, a Matilde, as crianças seguintes foram acrescentando uma página cada. O trabalho envolveu familiares e

até amigos e vizinhos e revelou-se um sucesso. Cada página tem um desenho, uma frase para dar continuidade à história e a mesma frase contada em língua gestual, através de fotografias da criança responsável - 21 meninos, 21 páginas.

Conter as lágrimas

Terminado o teste, a professora Manuela prepara-se para contar algo à turma. Sempre em língua gestual. Faz os gestos e eles repetem, em voz alta. O resultado final é este: “Ontem, uma professora telefonou-me. Porquê? Por coisas importantes. A nossa história. A professora de Trás-os-Montes vai falar da história à escola toda. Fez um enorme, gigantesco placard, com a Matilde grande, com um arco-íris enorme. Pôs a história em porta-fólio e vai falar dela a meninos deficientes. Contá-la por símbolos. Cada menino vai fazer uma frase sobre a diferença e vão colá-la no arco-íris. Fiquei muito feliz.”

Atenta, a professora Paula comove-se e o facto não passa despercebido à Clara, que aponta: “A professora Paula vai chorar.” Ela consegue conter as lágrimas e chega a vez de Alexandrina intervir. Um a um, pergunta a cada menino como correu o teste →

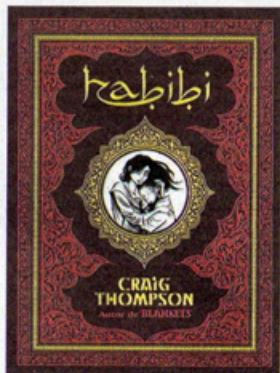
Para além dos seus pais e irmão, a outra personagem principal, senão a principal, é Raina, com quem inicia e termina uma relação amorosa. Desenha-a com traços mais realistas, ao contrário de si próprio, que tem corpo e face de desenho animado.

É verdade. A minha face tem uma qualidade de marioneta. Em parte, teve a ver com a necessidade de me distanciar um pouco da personagem e de a tornar mais acessível em papel ao leitor. Acredito que uma certa economia, própria do registo do *cartoon*, ajuda o leitor a identificar-se com as personagens. Com Raina estava a tentar capturar a sua beleza física. Também usei o mesmo estilo, mas só até um certo ponto, para poder comunicar a sua beleza. Nos dois casos, julgo que se optasse por algo próximo do fotorrealismo, não ia resultar.

Porquê?

Raramente funciona em banda desenhada. Subscrevo a opinião do Scott McCloud [teórico e autor norte-americano] de quanto mais simples e próximo do *cartoon*, mais fácil será para o leitor enfatizar ou incorporar certos aspectos. O realismo funciona melhor com planos de fundo, para dar um sentido mais tangível e táctil do ambiente. O Chris Ware [autor de banda desenhada] diz que o desenho em BD está próximo da tipografia. Não vou tão longe; vejo-o mais como uma caligrafia onde a linha tem quase uma vida própria. É uma forma abreviada de desenhar e é por isso que flui.

O desenho inspirado no *cartoon* tem qualquer coisa de familiar e acessível, mas a sua banda desenhada lida com a violência que os pais exercem sobre os filhos, com o *bullying* na escola e até com situações de ofensa sexual. Como conciliou estas dimensões? Will Eisner, autor de



“ Quando queimei os meus desenhos, vivia numa luta espiritual, achava que fazer arte era uma ocupação fútil e que tinha de seguir aspirações mais realistas, sérias e adultas. ”

Craig Thompson

The Spirit, foi uma influência?

Sim, foi certamente. Mas quem roubei de uma forma mais deliberada, embora subconsciente, foi o Blutch e o seu livro, *Le Petit Christian*. Também há uma forte influência do Bill Watterson e das suas tiras Calvin & Hobbes, sobretudo a neve e a forma animada de desenhar. Sempre gostei de usar um estilo delicado, infantil, para representar personagens melancólicas ou o humor negro. *Blankets* tem dois momentos fortes. À entrada da adolescência, queima os desenhos da sua infância. E, já um jovem adulto, queima todos os vestígios físicos da sua relação com Raina. Como explica este último gesto? Foi o namoro tão traumático como a infância?

Não [risos]. Tinha 18 anos, ainda era ainda um jovem cristão quando rompi com a Raina. O mundo era um pouco a preto e branco. Foi a única

vez que destruí tudo o que tinha relacionado com uma ex-namorada. Ainda tenho o cobertor dela, mas confesso que gostaria de ter outras formas de me ligar à sua memória. Quando queimei os meus desenhos, vivia numa luta espiritual, achava que fazer arte era uma ocupação fútil e que tinha de seguir aspirações mais realistas, sérias e adultas. Arranjar um emprego ou ingressar no sacerdócio, como pastor.

Voltou a falar com Raina?

Não. Mas quando comecei o livro, havia um sentimento de perda e saudade. Tinha 23 anos quando comecei a desenhá-lo. Ainda era muito jovem, queria recapturar as emoções da relação.

Em 1995 saiu pela primeira vez dos Estados Unidos e viajou até à Europa. Esteve seis meses em Paris. Foi uma experiência importante no seu percurso.

Sim. Nunca tinha estado em Nova Iorque ou em Chicago e de repente

a medida que as coisas iam acontecendo e foi publicado um mês depois de o concluir. Mas ainda sentia que a arte era uma actividade egoísta e desenhar-me a mim próprio ampliava essa sensação [risos]. Queria continuar a fazer histórias que são íntimas, vulneráveis e pessoais, mas já não queria ser o centro da acção. *Habibi* tem sido recebido nos Estados Unidos com alguma polémica, a propósito da forma como representa o islão, recorrendo ao orientalismo. É um livro conscientemente orientalista. É inspirado por *As Mil e uma Noites*, bem como pela ficção científica, a mitologia e o género fantástico. Quis desde logo trabalhar a partir destas referências, sabendo da sensibilidade orientalista presente no trabalho de Richard Francis Burton [explorador e escritor inglês que no século XIX traduziu *As Mil e uma Noites*]. Não tentei fazer uma documentação etnográfica da sociedade árabe. Abracei esse orientalismo mas em simultâneo comento os efeitos do imperialismo americano no mundo. As reacções têm variado. As piores vêm dos americanos, sobretudo dos politicamente correctos, e é do Médio Oriente que chegam as críticas mais positivas.

Em que projectos está a trabalhar neste momento? E em que se distinguem de *Habibi* e *Blankets*?

Estou a fazer três livros. Uma saga de ficção científica para todas as idades que, apesar de lidar com a família e a amizade, não tem nada a ver com relações românticas. Um livro erótico. E um projecto não-ficcional sobre o comércio global. Portanto, para além do segundo, não há histórias de amor e, mais importante, nenhum faz referências à religião.

A crítica a Blankets foi publicada no Ipsilon, edição de 20 de Janeiro

sugeriram que aguardasse mais um ano, porque o irmão estava mais atrasado. O irmão, que entretanto passou a viver também com ela, em casa da madrinha, acabou por ir para a escola de referência em Braga, enquanto a menina foi para a Conde de S. Cosme. A professora Paula relembra com um sorriso o 1.º ano. “Ela era muito engraçada. Quando se fartava de nos ouvir, desligava o aparelho e pronto.” Paula Azevedo reconhece que o irmão de Daniela está mais desenvolvido no domínio da língua gestual, mas refere que está bastante mais atrasado no que diz respeito à fala.

Maria da Conceição, a madrinha de Daniela, que adoptou as crianças, faz o balanço: “A Daniela vai mais adiantada, muito mais que o João, não tem comparação.” Sobre a escola onde a menina anda só tem coisas boas a dizer. “Ela adora, mesmo os professores. E os meninos são todos amigos. Os 21 são todos amigos.”

Ana Serrano, professora associada de Psicologia de Educação e Educação Especial do Instituto de Educação da Universidade do Minho (UM), defende que a inclusão de meninos surdos em turmas de ouvintes é o melhor caminho - mesmo que reconheça que há opiniões diferentes. “É sobretudo uma questão de ética. As crianças têm direito a fazer o mesmo percurso que fariam, se não tivessem problemas. Do ponto de vista da inclusão uma experiência como a de Famalicão é muito mais interessante e deve ser reforçada. Eu tenho algumas dúvidas sobre as escolas de referência, porque não deixam de ser escolas de exclusão. As crianças são deslocadas dos seus contextos comunitários e de vida natural para locais longe, para frequentarem as escolas de referência.”

Ana Bela Baltazar, autora do

Dicionário da Língua Gestual Portuguesa e secretária da direcção da Associação de Surdos do Porto (ASP) defende que a iniciativa da Conde de S. Cosme merece aplauso, já que “tudo o que seja feito em prol da integração e da divulgação da Língua Gestual Portuguesa é de louvar”. Contudo, não é capaz de indicar se a melhor solução para uma criança surda deverá passar pela inclusão numa turma de meninos ouvintes ou pela permanência numa turma exclusivamente de surdos e defende que decidir o percurso escolar destas crianças deveria partir de “uma avaliação de cada caso”, já que “existem inúmeros factores que poderão condicionar o pleno desenvolvimento da criança e a necessidade de adequação da realidade ao caso, como sejam o suporte familiar, o grau de surdez, o nível da oralidade, a estimulação mais ou menos precoce, entre outros”.

Ainda assim, salienta: “Vivendo nós numa sociedade maioritariamente oralista, não sabemos até que ponto a criação de turmas exclusivamente surdas poderá isolar ainda mais os

“

Ela era muito engraçada.

Quando se fartava de nos ouvir, desligava o aparelho e pronto

Paula Azevedo

”

surdos... Afinal, o mundo que medeia as paredes da escola é ouvinte e (infelizmente) sem domínio da Língua Gestual Portuguesa...”

Decisões

Quando tiveram de decidir sobre onde colocar as suas crianças, os familiares dos meninos surdos da Escola Conde de S. Cosme apostaram em mantê-los mais próximos de casa, em vez de os enviar para Braga. Ana Serrano realça este ponto como essencial. “Mantê-los no seu contexto de vida normal, com os seus amigos, é um ponto muito positivo. É claro que eles precisam de apoio, mas este pode ser facultado por agrupamentos de referência. Em vez de serem as crianças a deslocarem-se para as escolas de referência, porque não vão esses recursos de apoio para as escolas normais?”

Para a especialista da UM, outro aspecto essencial para o sucesso do exemplo de Famalicão é o facto de a aprendizagem da língua gestual ter sido alargada a toda a turma. “Todos beneficiaram com isto e há aqui um respeito pela língua gestual. É uma mais-valia para todos.”

O Hélder, que tem o implante coclear, tem mais dificuldade em expressar-se por palavras do que o Nuno ou a Sofia. A menina de óculos e rosto simpático tem memórias vagas de como era a sua vida antes da prótese que hoje lhe permite ouvir os colegas. “Lembro-me de a minha avó e a minha mãe chamarem por mim e eu não ouvia. Quando vim para a escola, estava nervosa, porque não pensava que fosse ter amigos ouvintes”, diz. Agora não tem dúvidas de que faz parte do grupo e quando lhe perguntam sobre o futuro e se gostaria de continuar com os mesmos colegas, quando

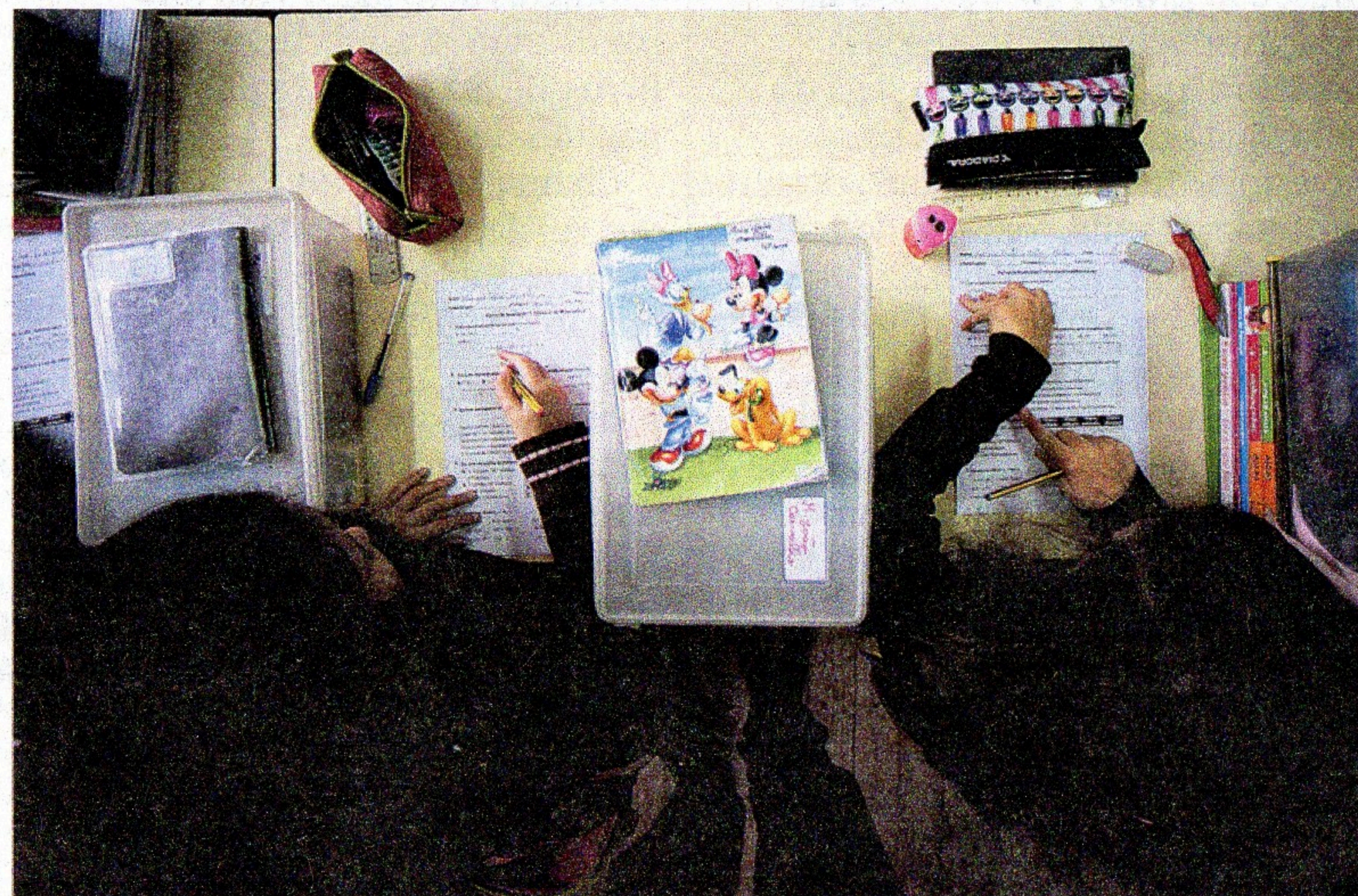
transitar para o 2.º ciclo, responde calmamente: “Era bom.”

Essa transição é o problema com que pais e professores estão já a lidar. Como será no próximo ano, quando a sala de aula não for já só uma sala e as disciplinas se multiplicarem em espaços diferentes, leccionados por professores distintos. A professora Manuela é cautelosa: “Aqui não há barreiras, as crianças estão mais protegidas. Em relação ao 2.º ciclo estamos a tentar arranjar a melhor solução. Este projecto foi fantástico e uma porta de abertura para um mundo desconhecido para muitos. Os pais têm muita vontade que eles continuem todos juntos, mas a vida é feita por etapas. Vamos ver.”

Ana Serrano não vê motivos para que as crianças não possam continuar a desenvolver o seu percurso escolar umas com as outras, e com a oralidade e a língua gestual a caminharem lado a lado. “Desde que lhes seja facultado o apoio mais específico de que possam necessitar.”

Na sala da turma do 4.º ano, onde andam o Hélder, o Nuno Rafael, a Daniela e a Sofia, há um calendário com os nomes dos meses e os dias da semana em língua gestual. Há também um pequeno horário onde estão afixados os dias e as horas em que os meninos têm terapia da fala. Há recortes de jornais sobre os prémios que a turma venceu graças aos projectos desenvolvidos no âmbito da língua gestual. E há também um bilhete que a Mariana escreveu, quando estava em casa, a convalescer da operação aos ouvidos: “Tenho muitas saudades dos 21 especiais. Segunda-feira vou para a escola. Um beijinho da Mariana!!!”

De laço na cabeça, ela já está de regresso e faz o teste ao lado dos outros. Assim, debruçados sobre as folhas, ninguém é capaz de dizer quem ouve ou quem é surdo.



Melhor era impossível

RICARDO LEAL DOS SANTOS

Piloto (Mini All4 Racing)

Para esta edição do Dakar as expectativas da equipa Delta Q - Monster Energy X-raid Team são muito elevadas. A vitória é o objectivo de toda a estrutura e a mim cabe ajudar os dois companheiros de equipa, Stéphane Peterhansel e Nani Roma, no sentido de que consigam esse feito, mas também pretendo superar o meu melhor resultado - o sétimo lugar do ano passado. Desde que chegámos à Argentina que o ambiente é extraordi-

nário, com a população a mostrar enorme interesse. Estão decorridas duas etapas e não podemos estar mais satisfeitos com o resultado até ao momento: o Stéphane lidera, o Nani é quinto e eu nono. Para já tudo decorre tal como planeámos, mas todos sabemos que, numa prova desta natureza, nada pode ser dado como certo. Estamos no início, muito motivados e certos de que a vitória está ao nosso alcance. Um lamento profundo: as mortes de Jorge Boero e de dois espectadores. Nenhum de nós fica indiferente perante a tragédia. ■

Regime de part-time

As nomeações para o Conselho de Supervisão da EDP ajudam a perceber (se ainda era necessário) a importância que a política tem para aquilo a que se convencionou chamar 'os melhores de nós' ou mesmo 'senadores'. Serve para dar conselhos, para movimentar influências nos bastidores, para, se necessário, fazer uns estudos que atestem a credibilidade de umas teses.

Não serve para, chegados a esta fase da vida, tais 'senadores' serem ministros ou secretários de Estado. Que chatice essa de dar a cara pelas políticas que vendem aos outros com salários miseráveis... É obviamente muito melhor o exercício de um cargo em part-time. Fica mais tempo e ganha-se seis vezes mais do que um ministro.

O ajudante Magalhães

O ex-secretário de Estado José Magalhães nunca foi conhecido pela modéstia. E com razão! O homem era um visionário: sabia muito de direito e de informática. Saiu do PCP a tempo, geriu a sua condição de 'independente' com a habitual sabedoria e lá foi andando em vários lugares de governo. Sempre em lugar de 'ajudante', nunca de ministro. Na despedida, decidiu gastar uns dinheiros públicos em matéria de gosto pessoal e obediências secretas. Coisa 'low cost', disse, numa notória má avaliação sobre o valor presente de 62 mil euros. Só subsídios de desemprego seriam uns milhares. De resto, se quer homenagear a cultura clássica, que o faça em casa e com o seu dinheiro. É preciso ter lata!

O chicharro é um dos poucos peixes que as pessoas que gostam mesmo de peixe dizem, com orgulho, ser o melhor peixe que há. Obrigamos a encolher os ombros, como quem não concorda, mas concede que é capaz de ser.

O nome do chicharro ajuda a mantê-lo desconhecido por quem não percebe nada de peixe – e logo benditamente barato. Acho que é de propósito. Os pescadores – que comem todos os chicharros que puderem, vendendo apenas aqueles que as barrigas já não admitem – deram-lhes um nome pouco apelativo, como fizeram à chaputa, ao peixe-porco e ao rascaço. Só no caso do rascaço é que lhes saiu o tiro pela culatra. Nas curvas ascendentes do carapau, que começa lindamente no “jaquinzinho”, cai com o carapau pequeno, levanta-se com o carapau-carapau (atingindo a glória quando é carapau dourado), o chicharro é a acumulação de todas as qualidades e o cume da “carapauzice”.

Quando Lineu classifica um bicho com um nome repetido (o pargo legítimo é *pagrus pagrus*) é porque não tem dúvidas. Ao chicharro, comparado com outros carapaus, chamou ele, em 1758, *trachurus trachurus*. Como quem diz *duh...*

O chicharro é gordinho e branquinho, com sabor de mar, de noz e de manteiga, criticando, com exemplos de melhorias úteis, a secura e a dureza do carapau mais estúpido que não sobreviveu ao Verão.

Não é raimoso, como a cavala, nem azulão, como a sarda. Não segue o caminho até ao mais gordo dos atuns.

O chicharro é o carapau teimoso que continua a ser.

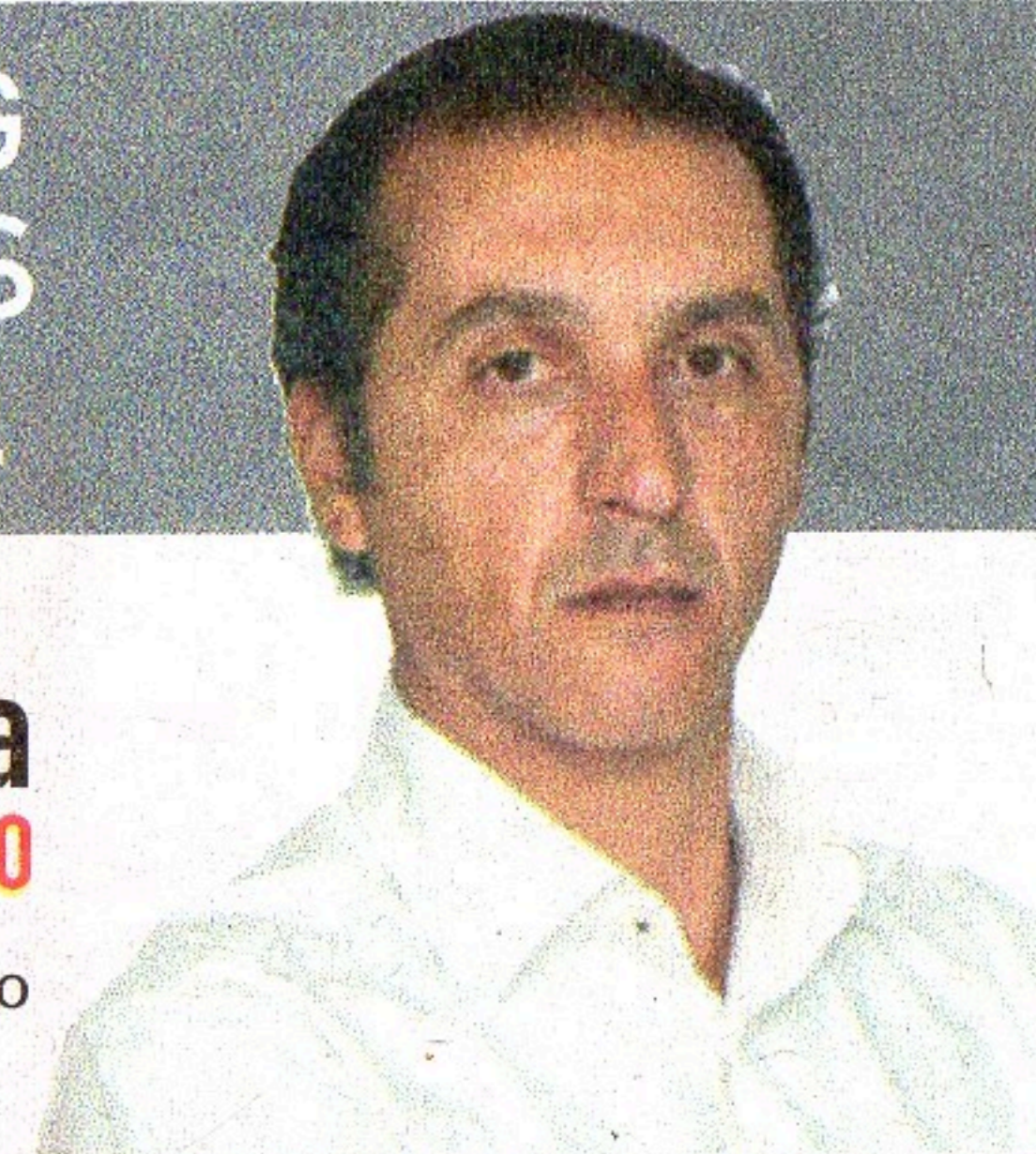
Minuto 0

COM O ARGENTINO EM CAMPO, O SPORTING CORRIA E JOGAVA. SEM ELE, CORRE MENOS E, POR ISSO, QUASE NÃO JOGA. MAU SINAL

Que segredo esconde Rinaudo?

Nuno Farinha
DIRETOR ADJUNTO

<http://record.pt/camponovo>



O Sporting está a poucas horas de disputar mais uma final antecipada. Um julgamento que supostamente deveria acontecer lá para abril ou maio, afinal de contas, ocorre já em meados de fevereiro. A semana das grandes decisões começou mal, pessimamente – com uma derrota em Alvalade e o inesperado adeus a um dos objetivos tangíveis da época. Seguem-se duas hipóteses de renascimento, ambas na Madeira, mas debaixo de uma desconfiança cada vez maior. Mesmo quando as razões de um descalabro não são óbvias, o adepto exige

sempre uma explicação. É a única forma de confortar a alma. No caso dos leões, há uma teoria que vai servindo de “aconchego” neste período mais delicado: a ausência de Rinaudo. Com ele, o Sporting corria e jogava. Sem ele, corre menos e, por isso, quase não joga. Ora, é mau sinal quando a eficácia de uma estrutura depende em excesso da presença do seu pivô. Mas é igualmente mau que um treinador demore tanto tempo a encontrar uma solução à altura. Domingos tentou adaptar um central (Carriço), um jogador fino e com futebol mais ele-

gante (André Santos) e até um “reforço” que chegou e pouco depois já estava em campo num clássico (Renato Neto). Falharam todos. Que segredo esconde Rinaudo? Recém-eleito presidente da Liga de Clubes, Mário Figueiredo, teve um arranque de mandato marcado pelas questões do eventual alargamento da Liga e da alegada não descida de divisão. Isto quando ainda antes da sua eleição rebentara o caso Bwin. E ainda não aquecera o lugar e já o Governo encostava os clubes à parede com o Totonegocio. Advogado experimentado,

ainda sócio de escritório de Adelino Caldeira, vice-presidente do FC Porto; e de Gil Moreira dos Santos, advogado de Pinto da Costa no Apito Dourado, Mário Figueiredo tem sabido resistir à reação fácil e extemporânea em proveito de um trabalho de casa que um destes dias terá de apresentar. Cada um é para o que nasce: há dirigentes que se eternizam nas funções e renovam mandatos como quem muda de camisa. Outros, com 20 dias de ação, são julgados como se fossem os responsáveis por todos os males do futebol português. É preciso ter calma.

Benfica a trabalhar melhor

Bernardo Ribeiro

SUBDIRETOR

<http://record.pt/ladob> ■ <http://twitter.com/BMRibeiro>



Num fim-de-semana em que a arbitragem muito pode ter ajudado a decidir quem será o próximo campeão, uma coisa salta à vista: o Benfica está a trabalhar bem. A equipa sabe reagir à adversidade e dar à volta a um resultado desfavorável, a SAD vai resolvendo os problemas que aparecem e Vieira ainda oferece a Jorge Jesus alguns mimos, tentando garantir todas as condições para o técnico ser campeão. Juntando a isso o inegável peso que o clube da Luz tem sabido vir a recuperar no futebol português, estão explicadas as vitórias.

Pelo contrário, no Dragão, alguns erros têm prejudicado a temporada. O mercado de inverno é disso sintomático. Chegaram Janko e Lucho quando provavelmente os reforços deviam ter aterrado mais cedo. Partem Belluschi e Guarín, jogadores que dispensam apresentações e de quem o atual treinador nunca conseguiu retirar os melhores dividendos. O problema é que a pequena revolução sucede com o dragão já a 5 pontos da águia e tendo deixado de depender de si próprio para ser campeão. Nem parece o FC Porto, diga-se.

Yannick é jogador do Benfica. Embróglio jurídico em perspectiva. O Sporting deverá recorrer a tribunais e FIFA para resolver a questão. Na Luz entendem que está livre, em Aivalade o contrário. Terão os juizes a palavra. Certo é que os leões não têm no sindicato um amigo. São já muitas as negociatas de Paulo Barbosa que passaram por ali. Evangelista foi um pouco longe de mais. Diz defender o jogador, mas parecia dirigente do clube encarnado. Uma coisa é certa, o jogador tem direito ao trabalho. Seja onde for.

A atuação de Bruno Paixão em Barcelos tem todas as condições para justificar o famoso grito: "Chamem a polícia". Não coloco em causa a honestidade do árbitro, mas acredito que os portistas se sintam roubados. E custa perceber como é o homem internacional. É que em Campo Maior também foi ele. E no Bessa, com o Sporting, no título axadrezado. Muita coincidência. Honesto pode ser, competente não.

Estranha ligação da PJ ao caso Éder. Espero que seja invenção academista. Os jogadores ainda não são escravos e têm toda a liberdade para decidir o seu futuro.

Três desejos para 2012

O ano aproxima-se do fim e este é o momento em que todos formulamos os nossos desejos para o ano seguinte. Para além dos tradicionais saúde, paz e alegria, que é habitual desejarmos aos nossos familiares e amigos, gostaria de terminar o ano 2011 com mais 3 desejos para 2012. São 3 desejos que não serão apenas válidos para o próximo ano, mas sim para a década em que vivemos.

Inspirei-me nas palavras de José Luis Sampedro, renomado economista espanhol, que com a sabedoria dos seus 94 anos, tem sido um dos apoiantes do movimento de “Los indignados”, em Espanha.

Chegou a hora de criarmos um futuro melhor. Todos nós sabemos disso. É preciso assumir essa consciência, essa vontade de mudança, para criarmos um mundo e uma sociedade sustentável. Por isso, o ano de 2012, o nosso futuro, tem de ser ético, ecológico e estético. Começemos pelo primeiro desejo – ético. A organização ‘Transparency International’ edita todos os anos um estudo sobre o nível de corrupção por país. O mapa mundi deste estudo está colorido de tons avermelhados, numa imagem que nos mostra um claro subdesenvolvimento ético da nossa sociedade. Destacam-se pela positiva os países escandinavos, Singapura e Nova Zelândia, mas a grande maioria das outras nações apresenta elevados níveis de corrupção. A crise que vivemos atualmente não é apenas uma crise financeira. É acima de tudo uma crise ética. Recordemo-nos dos múltiplos escândalos que grassaram no setor financeiro nos últimos anos ou das sucessivas demissões de ministros no Governo da Presidente Dilma. Não há dúvida que para construirmos um mundo melhor precisamos de uma sociedade mais ética e transparente.

O nosso futuro, tem de ser ético, ecológico e estético.

Sobre ecológico, escrevi no último artigo de opinião (Insustentabilidade). Os resultados da Conferência do Clima (COP-17) em Durban, parecem claramente insuficientes para abrandar a tendência das mudanças climáticas em marcha. Já se antecipa um aumento da temperatura média do Planeta de 3,5 graus celsius, em vez dos 2,0 graus, que os cientistas recomendaram como limite aceitável do aquecimento global. Acordar que em 2015 assumiremos compromissos de reduções de emissões para entrarem em vigor a partir de 2020, é uma atitude imprudente dos governantes mundiais, perante um problema que afectará inevitavelmente as atuais e futuras gerações. Em 2012, a Conferência Rio+20 será uma nova oportunidade para tratarmos este tema com o respeito e cuidado que ele merece, a tempo de evitarmos uma “falência ecológica”. Finalmente, queremos um 2012 mais estético. Acima de tudo referimo-nos à importância da educação e da cultura para uma refundação civilizacional (ética, social e política) e também dos movimentos artísticos, fundamentais para o desenvolvimento ideológico da nossa sociedade. Em períodos de crise há tendência para se considerar a arte como um desperdício. O ‘New Deal’ de Roosevelt foi um bom exemplo do contrário, que nos pode inspirar para o momento presente. As artes floresceram na América dos anos 30 e revigoraram a nação, ajudando-a a sair da Grande Depressão. Em 2012, celebra-se o ano de Portugal no Brasil e vice-versa. Esta será uma boa oportunidade para reforçarmos relações no espaço da lusofonia, reafirmando a centralidade da língua portuguesa no novo cenário mundial.

Se construirmos um 2012 mais ético, mais ecológico e mais estético, estaremos a construir um futuro mais sustentável. Estaremos a crescer em civilização e humanidade.

Excelente 2012 para todos! ■

Em dia de aniversário de Domingos Paciência (o 43.º), os jogadores do Sporting ofereceram-lhe uma exibição descolorida. Valeu o golo marcado perto do fim por Onyewu – que voltou a faturar junto à foz do Ave... – e três defesas monumentais de Marcelo Boeck nos instantes finais, roubando a Saulo e em duas ocasiões a Yazalde – um nome associado à história do clube de Alvalade – por três vezes o golo da vitória que parecia tão fácil de marcar.

O jogo, esse, não foi fácil para qualquer das equipas. O critério disciplinar do árbitro da partida – o mesmo que no Tribunal de Gondomar disse que era Pierluigi Colina quem era conhecido por Cosme Machado – também não ajudou, sobretudo na 2.ª parte, quando o Rio Ave jogou mais na expectativa e fez 16 faltas perante um Sporting que perdeu o seu sentido de jogo.

Mas a história desta partida começou a escrever-se pela mão de João Tomás, melhor, pela testa do veterano ponta-de-lança. Um golo que nasceu de um livre de outro jogador também com muitos quilómetros de futebol (Jorginho). Depois seria a vez de outro sénior, o guarda-redes Paulo Santos, brilhar por duas vezes, roubando o empate ao Sporting aos minutos 33 e 61. Assim se provando que associar o rendimento à ida-



LUÍS VIEIRA

plinar e se usam os cartões como armas de arremesso, a qualidade de jogo sai sempre prejudicada devido à ação de um homem que deve ter como objetivo a excelência de ninguém se lembrar que ele existe. Mas há árbitros que gostam de protagonismo, não apenas pela forma como se apresentam. Ontem, o “Colina de Braga” mostrou 13 cartões amarelos e perdoou um segundo amarelo a Polga no fim da partida. Overdose!



TEMPO EXTRA 6' (1+5)

de de um jogador é apenas um lugar-comum que importa começar a banir do léxico do futebol.

Com uma clara tendência para jogar pela esquerda, o Sporting foi uma equipa desequilibrada. É verdade que

NOTA TÉCNICA Notas de 0 a 5



Carlos Brito. Não o podem acusar de ter tentado defender a vantagem mínima quando tirou João Tomás. A sua equipa continuou viva e desperta. (4)



Domingos Paciência. Depressa percebeu que o ano novo trouxe velhos vícios. As mudanças que operou ajudaram a minorar os danos de um noite sofrida. (3)

criou oportunidades, mas o seu jogo não foi fluente e o Rio Ave depois do golo

que marcou continuou a subir no terreno e a aproveitar as fraturas que se iam abrindo na defesa leonina. João Tomás, pois quem havia de ser?, podia ter bisado sobre o minuto 35, quando foi isolado por Yazalde e preferiu tentar o chapéu em vez de controlar a bola. Terminou a primeira parte com Insúa a ver Paulo Santos voar para uma bola com a agilidade de um miúdo de 18 anos...

Mudanças. Na segunda parte, Domingos não tardou muito a fazer mudanças. Matías Fernández entrou e depressa deu um ar da sua graça, passando Elias a fechar à frente dos centrais. Res-

AVALIAÇÃO *Record*



pondeu Brito com a troca de Jorginho por André Villas Boas, procurando dar mais consistência ao seu meio-campo. Havia pouco futebol, com o jogo a parar muitas vezes devido a faltas ou como consequência de alguns golpes. E até seria um jogador do Rio Ave, André Dias, a oferecer por essa altura a melhor oportunidade de golo ao Sporting, mas Capel deixou-se surpreender por Paulo Santos.

Carlos Brito e Domingos continuaram a operar mudanças e ganhou aí mais o treinador leonino, sobretudo com o regresso de Izmailov. Mas era só um cheirinho de mudança que se sentia no futebol sportinguista. Com Marcelo a ter de brilhar quando, aos 76', Atsu apareceu à sua frente com

a bola dominada. Lá se ia o segundo “match point” do Rio Ave...

O golo do Sporting aparece já naquele período em que a equipa que está a ganhar tem o impulso de recuar 10 ou 20 passos. A defesa vila-condense é apanhada em contrapé mas tem de ser um central leonino a fazer o golo que os avançados ontem não conseguiriam marcar, mesmo que o jogo tivesse durado o dobro do tempo.

Pela atitude, pelas oportunidades de que dispôs, pela forma como se bateu, pela organização que demonstrou, para o Rio Ave este empate tem um sabor amargo, enquanto para o Sporting é quase uma vitória nesta Taça da Liga. Mas para Domingos já houve certamente dias de aniversário com um final bem mais feliz. □

E depois do Carnaval...

Provavelmente os homens da troika pouco mais conhecem do Carnaval do que as imagens das máscaras de Veneza, do Mardi Gras de Nova Orleães ou da euforia carioca. Devem estar surpreendidos com a festa e os desfiles de norte a sul de um país a meio gás que faz orelhas moucas ao Governo que impede a Função Pública de gozar a tradicional tolerância de ponto. Amanhã é Quarta-Feira de Cinzas e começa a Quaresma, tempo tradicional de sacrifícios e austeridade. Dura 40 dias e termina na Páscoa. Infelizmente a actual austeridade num país sobreendividado e de economia anémica vai provocar uma dolorosa ressaca que, ao contrário da Quaresma, não se sabe quando acaba, nem se haverá ressurreição.

SP. BRAGA PASSA RIVAL A PENTE FINO E ACENDE A CHAMA DO TÍTULO

Ora digam lá se isto não é um candidato



■ O Sp. Braga passou a pente fino o rival de Guimarães, confirmando-se como um candidato ao título, embora só se assuma verdadeiramente no relvado, com um futebol a não deixar dúvidas a ninguém. A equipa de Leonardo Jardim resolveu cedo o dérbi minhoto, com Elderson a marcar aos 4 minutos nas costas de Toscano e Custódio aos 19' nas de Bruno Teles. Nos dois lances com saídas em falso de Nilson a roçar o anedótico e sempre o pé esquerdo de Hugo Viana a servir os seus companheiros.

Quando se esperava um Vitória a discutir o jogo no terreno do eterno rival, e depois de vergar o Benfica na semana passada, tudo ficou bem evidente a partir do 2-0 e mais ainda quando Freire se fez expulsar numa

atitude inexplicável ao tentar e até consumir uma agressão de... calcanhar a Hélder Barbosa, que a teatralizou, mas que na verdade existiu. Conclusão: ao minuto 31 o jogo estava ganho para os bracarenses e a ingrata missão do Vitória era procurar evitar a goleada!

Missão não cumprida, diga-se, isto mesmo com inúmeras oportunidades desperdiçadas pelo ataque do Sp. Braga, que ficou com mais espaço, mas Lima não aproveitou o que o jogo lhe deu para chatear ainda mais Cardozo na luta pelo estatuto de melhor marcador do campeonato.

ARBITRO

João Capela acertou em todas as decisões mais difíceis e quando assim é pouco mais há a dizer. Apenas serve de registo que as notas máximas existem precisamente para uma exibição destas!



Rui Vitória sacrificou Paulo Sérgio para ter o defesa-central que faltava (N'Diaye) e apostou depois em Urreta e Nuno Assis, mas os visitantes só conseguiram assustar uma vez e ainda antes do intervalo. Dou-

glão salvou em cima da linha e a segunda parte foi apenas um pormenor com o Sp. Braga a gerir a vantagem, a dominar e a desperdiçar até que N'Diaye fez falta para penáti sobre Hélder Barbosa e aí também era demais. Lima lá faturou o seu 15.º golo e Ukra saiu do banco para fazer o 4-0 em bela jogada individual, confirmando a goleada que Nuno Gomes quase ampliava num belo remate ao poste ao fim de 1 minuto em campo...

O Sp. Braga, enfim, lá prosseguiu a série invicta, agora com 9 vitórias consecutivas no campeonato. Está a 3 pontos de dragões e águias, com o melhor marcador da Liga e a 10 jornadas do fim. Se isto não é um candidato, então o que será? □

Olhanense travou um leão que já soma 6 jogos consecutivos sem ganhar em 2012

■ Começam a faltar os argumentos para qualificar o desempenho do Sporting em 2012 e a maior de todas as verdades já foi dita por Domingos Paciência – todos, a começar por ele, têm de fazer muito mais e melhor. Não foi isso que aconteceu ontem à noite, em Olhão, onde o único leão que soube estar à altura das exigências foi Rui Patrício, que, com três ou quatro defesas de classe, evitou a derrota do conjunto de Alvalade. O Olhanense, por seu lado, começa a segunda volta do campeonato como fizera na primeira – ganhando um ponto aos leões e deixando no ar a ideia que podia mesmo ter ido mais longe.

Domingos Paciência pode dizer que a noite não lhe começou de feição quando, em cima do jogo, teve de abdicar de Schaars, lesionado, para colocar Carriço em campo. As outras mudanças, essas, foram por opção sua – os regressos de Polga e Renato Neto, mas acima de tudo a ausência de um ponta-de-lança como referência no ataque, entregue a Carrillo, Capel e Jeffren, num papel que lhe ficou mal.

Poucas opções. Com Carriço e Neto em dupla defensiva, ficou Matias como única solução criativa no meio-campo do Sporting, ante um sector bem no-

NOTA TÉCNICA Notas de 0 a 5



Sérgio Conceição não arriscou mais que o necessário, mantendo a equipa organizada a partir de trás. Mas fez o suficiente para merecer outro resultado. (3)

Domingos Paciência voltou a me-



MELANIE MAPS

Optou pela segurança e depois pelo contra-ataque e quase ganhou a aposta. Depois de um primeiro assomo de Matias, foi Cauê a assumir-se como protagonista de três boas jogadas antes do intervalo: aos 13' quase mar-

cou, após livre de Rui Duarte; aos 24' rematou ao lado do poste direito; aos 30' volta a não acertar na baliza após jogada de Rui Duarte.

Pequena reação do leão. Até ao intervalo, o Sporting quase não importunou a baliza de Fabiano, com exceção de um lance entre Jeffren e Capel, com este a obrigar o guardião a ceder canto. Só nos minutos iniciais do segundo tempo se viu um Sporting mais áfoito e perigoso, mas num período demasiado curto. Aos 51' Polga quase marcou junto ao poste

AValiação Record



As mudanças feitas por Domingos, aos 65', aumentam as dúvidas que, de fora, existem quanto à continuidade do trabalho e das suas opções. André Martins e Rubio renderam Neto e Jeffren e mais tarde foi a vez de André Santos (que deveria ficar na bancada) a substituir Matias, ficando Ribas sentado no banco quando a equipa poderia ir à procura do triunfo.

Incapaz de chegar aos 3 pontos, o Sporting acabou por ser feliz em conseguir um e ficou a devê-lo ao seu guarda-redes. Pelo menos por três vezes Rui Patrício ganhou o duelo com

MINUTO 73

O duelo mais empolgante da noite colocou Wilson Eduardo frente a frente com Rui Patrício e aos 73' o guarda-redes do Sporting negou o golo ao avançado do Olhanense (já o fizera 2' antes), e ainda teve tempo de defender a recarga de Yontcha.

ÁRBITRO

Vasco Santos teve um trabalho sem problemas de maior com a ajuda dos jogadores.

Os pequenos problemas disciplinares soube resolvê-los com naturalidade e sempre que mostrou o cartão amarelo teve motivos para o fazer. Também os seus auxiliares estiveram acertados nos lances de fora-de-jogo, acabando por não dar motivos de queixa a qualquer das equipas. Acompanhou de perto a maioria das jogadas, pelo que estava em boa posição para analisar.



TEMPO EXTRA 4' (0+4)

equipa pode assumir-se como candidata ao título ou sequer a um lugar na Liga Europa – que começa a ser um objetivo cada vez mais difícil, agora que o Sporting está atrás de Sp. Braga e Marítimo.

O que fica como conclusão do jogo de Olhão é positivo para a equipa de Sérgio Conceição (que soube resistir à tentação de arriscar de forma desordenada) mas, mais uma vez, negativo para o Sporting. Os leões parecem ter entrado numa espiral incontrolável em que nada lhes sai bem mas para a qual não são capazes de encontrar solução. A mesma equipa que es-

■ Afinal, temos campeonato. O Benfica deixou 3 pontos em Guimarães e comprometeu o passeio triunfal que se augurava até ao título, sobretudo depois do despiste do FC Porto em Barcelos. Agora, os dragões podem visitar a Luz dependendo apenas de si para assumir a liderança, um cenário que não agrada a Jorge Jesus.

O técnico encarnado foi infeliz na forma como estruturou a equipa e, pior do que isso, não teve a sagacidade de outras noites para desmontar o travão de mão montado por Rui Vitória. Sim, o treinador dos vimeiraneses foi o paradigma da humildade e ganhou a batalha tática porque o Benfica, que no papel ameaçava ser um rolo compressor ofensivo, na prática revelou-se, afinal, um conjunto desequilibrado e inconsequente.

Desta vez, nem sequer conseguiu encostar o adversário às cordas e, com o esgotar dos minutos, até a lucidez se perdeu. Somar a 2.ª derrota consecutiva, depois da incursão a São Petersburgo, e ficar em branco após 37 jogos consecutivos a marcar (desde o 5-0 do Dragão, há 15 meses...), são dados que apenas tornam mais amarga a desfeita.

O défice de coesão do Benfica foi terrível a meio-campo, com Matic demasiado posicional a dar todo o espaço do mundo para Barrientos brilhar sem nunca ter sido corrigi-



LUÍS VIEIRA

Adivinhava-se forte pressão sobre Carlos Xistra, mas também sobre o assistente José Cardinal, ambos criticados pela derrota do Benfica na época passada, no Axa. E no caso do assistente, também pelo anterior desaire em... Guimarães. A atuação do trio de arbitragem acabou por ser correta, com lance bem anulado a Barrientos que chegou a meter a bola na baliza de Artur e falta bem assinalada a Maxi Pereira no livre que deu o tento vitoriano. Critério disciplinar teve altos e baixos.



TEMPO EXTRA 5' (1+4)

do. Com Witsel no banco, viu-se demasiado congestionamento no último terço ofensivo e ideias a menos. Por muito que Aimar se esforce, precisa de apoio nas costas e não dos 20 metros de terra de ninguém que as tran-

NOTA TÉCNICA Notas de 0 a 5



Rui Vitória. Assumiu o respeito pelo adversário, travou o poderio encarnado e conseguiu obter pela primeira vez na carreira um bom resultado contra o Benfica. (4)



Jorge Jesus. Se o objetivo era esmagar o Vitória e resolver cedo a contenda, então o técnico encarnado perdeu pau e bola. Ainda por cima demorou a intervir. (2)

sições rápidas vitorianas exploravam incessantemente. Quando o belga entrou, com quase um quarto de hora desperdiçado no segundo tempo, rendeu o sérvio e... nada mudou.



Como o que nasce torto, tarde ou nunca endireita, quando o Benfica precisou de crescer, o motor gripou e criar uma oportunidade custava sangue, suor e lágrimas. Verdade seja dita, as duas grandes ocasiões do segundo tempo foram... dos minhotos. Assim, é difícil contestar o desfecho num recinto que, já na época passada, tinha sido agreste para as águias.

Espartilho. Ainda Carlos Xistra não tinha apitado e o encontro já suscitava comentários. Rodrigo aparecia no

onze encarnado e Urreta, emprestado pelas águias, desaparecia da ficha de jogo devido a uma súbita gripe. Rui Vitória recorreu a Paulo Sérgio, colocou-o na direita e garantiu a tal velocidade e acutilância essencial para que o Benfica nunca descansasse. O duplo pivô do miolo composto por Leonel Olímpio e João Alves, bem como João Paulo e Defendi no eixo recuado, fizeram uma partida perfeita, não deixando Cardozo respirar e esvaziando as águias de opções para o último passe, mesmo quando era superada a primeira linha defensiva.

O V. Guimarães somou o 5.º triunfo nas últimas 6 jornadas e só foi derrotado no Dragão. Provavelmente, esse bom momento justificava outra

ponderação por parte de Jorge Jesus, que ao enveredar pelo 4x1x3x2 espartilhou as suas opções para reagir se algo corresse mal. O Benfica começou a partida a cometer erros defensivos incríveis que foram passando sem castigo, mas a bola parada que abriu caminho ao tento vitoriano foi um claro exemplo de como a falta de agressividade pode ser penalizante.

Jesus deixou a equipa a bater contra o muro branco durante infindáveis minutos e, depois da tal maldade a Witsel, só na reta final do encontro se decidiu, finalmente, a lançar Bruno César e Nelson Oliveira. Ainda por cima separadamente (85' e 87'), desperdiçando segundos preciosos. A euforia minhota, pelos 3 pontos, foi impressionante de ver... □

Chegado à liderança e conseguindo a quarta goleada consecutiva, o Benfica precisa de fazer tudo bem para não perder terreno para o FC Porto. A jogar bom futebol e a materializar em golos o que produz no terreno, a equipa tem agora de ser devidamente embalada por técnico e dirigentes para que esta onda ganhadora não se perca por erros de casting. A promessa de aumento de Cardozo a meio da época é uma medida que se insere numa política de mimo das principais peças do puzzle encarado. Amado por um e odiado por outros,

Tacuara é um jogador que divide opiniões mas a quem os números traduzem a utilidade. Marca golos e concretiza vitórias. E isso é tão vital no futebol de hoje como era no de ontem, mas talvez ainda mais raro. Por isso percebe-se a atitude presidencial, por muito que vá contra a crise instalada e o discurso interno e externo de poupança. Há momentos em que é preciso entender a importância de investir sob pena de se matar a galinha dos ovos de ouro. Este é um desses momentos. Como não deixar sair Aimar ou Saviola para a Argentina.

Em Alvalade vivem-se momentos bem diferentes. Uma equipa de altos e baixos que já deixou adeptos à beira de um ataque de nervos, conseguiu recompor-se e encantar para agora colocar novamente em dúvida tudo o que de bom exibiu. Sendo chavão, a frase no meio está a virtude não andarão longe da verdade neste caso. O verdadeiro Sporting não é o de início de época, ou o das reviravoltas e cavalgadas avassaladoras, nem o do momento. Falta equilíbrio a um leão em construção. Um problema que só Domingos pode resolver.

Sim, o técnico ainda não tem à disposição um plantel tão rico como Benfica e FC Porto, mas ainda assim teve direito a um investimento respeitável e que nenhum antecessor conheceu. Percebe-se que o Sporting pode jogar mais e que tem jogadores capazes de fazerem a diferença, mas há outros ainda aquém do desejado, tanto nomes do passado como chegados esta época. O discurso de maior exigência aplicado por Domingos parece correto, mas erros de casting como Renato Neto não ajudam ninguém a ganhar balneários.

NEM TRIPLA SUBSTITUIÇÃO DE PEDRO EMANUEL EVITA INSPIRAÇÃO GILISTA

Eles não vão ao Jamor mas também brilham



Menos de uma semana depois de ter garantido a presença no Jamor, a Académica tinha uma missão espinhosa pela frente, a de provar que o bom percurso na Taça de Portugal teria reflexos evidentes na luta por um campeonato tranquilo. No entanto, os estudantes tinham pela frente um Gil Vicente tão ou mais motivado, que eliminara o Sporting da Taça da Liga e complicara as contas dos dragões na luta pelo título de campeão.

Em Coimbra, os gilistas foram os primeiros e os últimos a aproveitar melhor a onda de entusiasmo pelas conquistas mais recentes e quase tudo lhes correu bem, consumando o assalto ao 7.º lugar da Liga, ultrapassando a Brioça que estava a um ponto de distância.

O ritmo baixo do início do jogo não

fazia antever muitos lances de perigo em ambas as balizas, mas a eficácia minhoto fez nessa altura a diferença, com o central goleador Cláudio a aproveitar a passividade dos estudantes, na sequência de um livre bem medido de Pedro Moreira.

Três em um. A Académica acusou o golo e demorou a reagir. Pedro Emanuel não estava a ver a mesma equipa que poucos dias antes demonstrara grande atitude na 2.ª mão da meia-final da Taça. Olhou para o banco e para os jogadores que estavam a aquecer e optou não por uma ou duas mudanças, mas pela

ÁRBITRO

João Capela ouviu assobios dos dois lados, porque nem sempre se saiu bem nas decisões difíceis que teve de tomar. E deixou passar em claro um penálti para a Académica, no início da 2.ª parte.

revolução. A 10 minutos do intervalo, o treinador da Brioça esgotava as alterações, com uma tripla substituição, algo inédito na memória mais recente do futebol português. Os reforços Edinho e David Simão juntavam-se a Danilo, mas, à exceção do primeiro,

não imprimiram a dinâmica necessária e não chegaram para desmontar um Gil Vicente tão organizado e confiante. A 2.ª parte mostrou isso mesmo, com a Académica a ameaçar o empate (ora porque Edinho e Diogo Valente não estavam inspirados, ora porque Adriano não deixou), mas com os homens de Barcelos, com espaço para atacar, sempre à procura do golo que pudesse fechar as contas do jogo. Hugo Vieira ameaçou aos 61' – atirou ao poste –, mas não perdoou a 12 minutos do apito final, no lance mais bonito do jogo.

O Gil Vicente não logrou chegar à final da Taça de Portugal, mas ontem mereceu muito mais aplausos do que os mais recentes heróis do Jamor. □



Os clubes de futebol, como se suspeitava há anos, não cumpriram o acordo assinado com o Estado para o pagamento das suas dívidas fiscais, o conhecido Totonegócio. Por responsabilidade dos outros, claro, não dos clubes de futebol que foram, como se sabe, austeros, conservadores e rigorosos na gestão das suas contas, nas contratações e nos salários, nos projectos imobiliários que eram a resposta milagrosa para todos os problemas... Claro, no mundo da fantasia, não a futebolística, que é bem-vinda, mas financeira.

O novo presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes, diz, e acredita no que diz, que os clubes cumpriram o acordo e pagaram o que deviam. Mas há um 'pormaior': o Estado reclama cerca de 33 milhões de euros de 88 clubes que estão em dívida. Portanto, os clubes pagaram o que devem, mas há uma dívida. Confusos?

Num aspecto, Fernando Gomes tem razão. O Totonegócio é, ele próprio, o pecado original, porque foi estruturado de tal forma que é possível hoje dizer, como no ditado popular, que 'todos ralham e ninguém tem razão'.

Em 1999, quando os clubes de futebol assinaram um acordo com o Governo de António Guterres, uma espécie de acordo especial no quadro do então chamado Plano Mateus, comprometeram-se a pagar as suas dívidas acumuladas até então, de cerca de dez milhões de contos (50 milhões de euros) com base nas receitas futuras do totobola. Mas houve, claro, uma sobreavaliação destas receitas, como houve, sucessivamente, e com todos os governos, uma subavaliação das dívidas que, entretanto, se acumularam novamente.

O Totonegócio é, ele próprio, o pecado original. A forma como foi estruturado permite dizer que todos têm razão.

O Totonegócio foi a expressão de uma relação promíscua entre o mundo do futebol e do poder político, que não abona em favor de nenhum dos dois. O futebol está longe de ser apenas um entretenimento para desanuviar da crise financeira, económica e social do País, é uma indústria relevante para a economia portuguesa. E que deve ser promovida como tal.

Mas, isso não pode nem deve corresponder a um tratamento de favor. Exige-se que os clubes de futebol façam, como os outros sectores de actividade, um ajustamento no seu nível de vida e que, mais do que isso, paguem o que devem a tempo e horas. Os clubes de futebol devem ser tratados como qualquer outra empresa e, nesse sentido, podem, se o entenderem, beneficiar dos programas que os governos, este ou outro, promovam em matéria de recuperação de empresas. Mas apenas isso.

O ministro do Desporto, Miguel Relvas, já disse publicamente que os clubes de futebol não terão um tratamento de favor. É o mínimo que se exige a um Governo que está a aplicar o maior e mais brutal programa de austeridade de que há memória. E, por isso, não é aceitável que o Estado volte a perdoar os clubes de uma exigência fiscal, com base no argumento de que não fez o que deveria fazer para promover o Totobola. ■

A bomba demográfica

Há uma bomba latente que ameaça o futuro deste País. É o envelhecimento e a quebra da população, motivados pela reduzida taxa de natalidade. É uma ameaça mais grave do que a longa crise económica em que mergulhámos. Obviamente que o empobrecimento agrava os efeitos desse icebergue em direcção ao qual este país caminha inexoravelmente. As estatísticas dão conta da quebra de um milhão de jovens em apenas 30 anos. Os saldos migratórios é que permitiam o crescimento da população. Mas em 2010 esse fenómeno não foi suficiente e Portugal encolheu. Este ano, com o êxodo de milhares de pessoas, a tendência vai agravar-se. Se nada for feito, em poucas décadas Portugal parecerá um lar de idosos falido.



José Reis

Santos

Historiador

Um dos privilégios de trabalhar em História Contemporânea é sermos confrontados com dilemas do presente e, conseqüentemente, ter a oportunidade de mergulhar nos debates políticos, filosóficos e intelectuais decorrentes.

Em concreto interessam-me as reflexões sistémicas. Isto porque somos confrontados com a incapacidade dos sistema políticos gerirem o Bem Comum, promoverem uma sociedade mais equitativa e justa e acabarem com o abuso do Estado em prol de alguns poucos, obscuramente selecionados. Estes são os dilemas do nosso tempo, como o eram há mais de 100 anos. Com a agravante de se terem agudizado no quadro da crise vigente e de serem hoje evidentes para o cidadão comum (bem) informado.

Pior, num momento em que se esperava maturação democrática e um consenso social alargado em torno de um futuro colectivo partilhado – face à crise – temos assistido à total incapacidade da nossa elite política em “dar conta do recado”, interessada apenas em salvaguardar os (seus) privilégios adquiridos. Tal constatação, partilhada entre os partidos no arco governativo, recorda-me um comentário de Antero de Quental quando, insurgindo-se contra o rotativismo parlamentar estéril do século XIX, referia que “os partidos perdem a noção da realidade e, enquanto o mundo está em constante transformação, eles repetem maquinalmente as teses habituais de uma filosofia caduca, que nem sequer entendem”. Hoje questiono-me se, perante as transformações do nosso tempo, não estarão os nossos políticos a repetir fórmulas gastas, obsoletas, e – mais grave – a insistirem na demonstração da falência do actual sistema democrático-parlamentar.

Este último ponto apresenta, a meu ver, uma gravidade absoluta, pois decorre da sua interpretação a apresentação de alternativas populistas autoritárias que, no decurso da História, possibilitaram o advento dos fascismos, comunismos e outros totalitarismos e, validaram recentemente, por exemplo, o golpe de Estado Constitucional húngaro. Não pretendo com isto afirmar que Portugal esteja perante tal grave situação (como no passado), mas apenas alertar que a constante falta de qualidade da nossa classe político-partidária pode originar a falência do sistema como o conhecemos. Não podemos continuar a aceitar a imortalização das teses habituais de uma filosofia caduca e mal-entendida, apresentadas por actores clonados dos nossos piores exemplos. É imperativo que surjam novas alternativas, protagonistas e propostas. É necessária mais acção, dentro do quadro democrático-institucional vigente, mais associativismo, mais sindicalismo, mais indignação, mais alternativa partidária consistente. É que, em boa verdade, não é necessário refundar ou romper com o sistema. Até porque o mesmo pode ser (bem) gerido se soubermos promover e apoiar uma elite política capaz e altruísta. O que até

Estupidez real

Os adeptos do Real são, afinal, iguais aos outros. Tanto honram a memória dos que deixaram em Madrid sangue e suor como se podem esquecer depressa de quem lhes proporciona momentos de glória.

A Cristiano Ronaldo não perdoaram que voltasse a falhar num jogo contra o Barcelona, em particular naquele que os de Guardiola foram vencer ao Bernabéu, há poucas semanas. E fingem não recordar que o último título conquistado pelos merengues, a Taça do Rei, tenha sido obtido após vitória, na final, sobre o Barça, graças a um grande remate de cabeça do CR7.

Como também não lhes interessa agora que Cristiano some mais golos marcados esta época – 39 em 39 jogos, 21 em 17 partidas da Liga... – em comparação com a temporada passada e que tenha conseguido nada menos de 60 (!) em 2011. Terá falhado ao longo do ano mais de 200 golos? É provável, mas isso só acontece porque tenta muitas vezes e muitas vezes marca.

Não o compreender e associá-lo mal toca na bola é meio caminho andado para o “devolver” a Manchester. E com isso pouco ou nada perderá Cristiano e tudo perderá o Real...



Pedro Lomba

A condenação (e inabilitação durante onze anos) de Baltazar Garzón no crime de prevaricação, por ter ordenado escutas das conversas confidenciais entre os arguidos do processo Gurtel e os seus advogados, não é trama que mereça ficar entre parangonas. Embora muito marcado pelo estelato da personagem (o “superjuiz” proprietário de um vasto e celebrado ego) e pela natureza daquele processo em que respondem judicialmente empresários e políticos envolvidos numa presumível rede de corrupção ligada ao Partido Popular, o caso Garzón comporta outra lição, outro motivo de reflexão sobre qual deve ser o papel dos juízes e da justiça nas nossas sociedades.

Nós vivemos um tempo que, mais do que alguma vez no passado, confiou aos juízes maior intervenção e protagonismo público. Por isso se tem falado muito de judicialização. Para começar, foi esse o preço da paz política em muitos estados. Para acabarem de vez com frenéticas querelas sociais e ideológicas, remeteram para o poder

independente e irresponsável dos juízes a decisão sobre algumas batatas quentes da política. Em segundo lugar, por motivos que não cabe agora avaliar todos nós no Ocidente, ao longo dos últimos 50 anos, enchemo-nos de direitos e atirámos para os juízes a magna tarefa de resolver os conflitos entre esses direitos recorrendo às mais diversas técnicas jurídicas, as quais não disfarçam a enorme liberdade e subjectividade que lhes foi concedida. E em terceiro lugar descobrimos a justiça internacional: os direitos humanos, as convenções de direitos, os crimes contra a humanidade e por aí fora. Com eles vieram os juízes dos tribunais europeus e internacionais, as redes de juízes, a comunicação transjudicial entre juízes. E alguns julgadores com rosto que personificam uma espécie muito em voga nestes tempos - a do juiz-sábio ou do juiz-filósofo -, de que talvez o melhor exemplo seja o juiz israelita Ahron Barak, tão apreciado pelas suas decisões constitucionais contra Israel à frente do Supremo Tribunal daquele país.

Este conjunto de motivos conferiu ao juiz contemporâneo um peso incomparável que alguns trataram logo de converter num activismo abstracto, como o de dizer que o dever do juiz é defender primeiro a democracia ou as ideias de Boaventura Sousa Santos no nosso CEJ. Somando a isto a crise que atingiu a democrática partidocrática, criou-se a ideia de que o juiz pode e

deve prestar aos cidadãos aquilo em que os políticos falharam: não apenas uma ânsia incomensurável de justiça mas a salvação e a regeneração da própria democracia.

Na verdade, algum activismo haverá de se reconhecer ao juiz sem o qual a função judicial e o Estado soçobram face a interesses cada vez mais tentaculares e insidiosos. Mas como traçar essa fronteira senão através de um discurso racional e comedido? O que dizer de juízes tão selectivos como Garzón, que invariavelmente parecem possuídos por tal sede de justiça contra o mesmo lado, quer recorrendo a novos e controversos princípios internacionais (como o da jurisdição universal) para julgar velhos ditadores estrangeiros, quer instrumentalizando a categoria não menos controversa dos crimes contra a humanidade para reabrir o polémico tema das vítimas do franquismo em que ambos os lados têm feridas por sarar?

Agora, a braços com processos por prevaricação, Garzon acaba de ser condenado por querer alcançar “a verdade a qualquer preço”, transformando cidadãos e advogados protegidos pelo direito de defesa - e isentos de qualquer suspeita - em objectos do Estado para o propósito de extrair deles informação. Garzon diz-se vítima da sua postura democrática, mas a verdade é que ele é sobretudo vítima de si mesmo e do caminho dúbio que escolheu. *Jurista*

O fim da "social-democracia"



Pedro Lomba

Decifrar o ADN de um partido pode ser frustrante e inglório. Talvez o dito ADN nem sequer exista. Pior ainda se esse partido for o PSD que, além de reunir à sua volta um sinédrio de intérpretes oficiais - os únicos autorizados a dizer aquilo que é ou não o partido -, sempre se especializou no eufemismo, no subterfúgio, numa colossal distância entre palavras e actos.

Ora, a propósito de uma coisa chamada "personalismo" e de um nome, Emmanuel Mounier, que ressurgiram, ao que dizem os jornais, num livro patrocinado por Aguiar Branco para servir de base à revisão do programa do PSD, houve quem recordasse (Vasco Pulido Valente neste jornal, mas não só) esse pensador francês traduzido por Bénard da Costa na década de 60 e determinante para uma geração inteira de católicos de esquerda.

De facto, basta ler o livrinho "Personalismo", escrito no final dos anos 40 em que Mounier defendia um "socialismo renovado", para se perceber que não faz qualquer sentido a sua recuperação por um partido com a orientação do PSD.

Sucedea, todavia, que tão deslocado

influência - essa sim, com maior importância - da doutrina social da Igreja sobre os fundadores do PSD. O pensamento social da Igreja influenciou Sá Carneiro, esteve presente nos debates constituintes, inspirou a consagração da dignidade humana, contrabalançou o lastro marxista (existe até um estudo de Adriano Moreira sobre isso). Eu percebo que por razões táticas ou por alguma falta de memória o PSD não explicita as suas origens. Mas é verdade que a doutrina social da Igreja, tal como resulta de diversos textos, encíclicas e intervenções, moldou o seu ideário, transformando-o num partido fortemente crítico do colectivismo socialista e do puro liberalismo económico. O "personalismo" em que o PSD se parece rever não é portanto inaudito.

E agora um mistério. A doutrina social da Igreja sofreu um "aggiornamento" com o Papa João Paulo II através da sua *Centesimus Annus*, de 1991. Hoje, estranhe-se ou não, digam o que disserem tanto os seus apóstolos como opositores internos, é possível aqui e ali descobrir traços desse pensamento refundido no discurso político deste PSD.

Vejam os. Passos Coelho falou no discurso de ano novo na necessidade de "democratizar a economia".

A *Centesimus Annus* aponta precisamente para uma "oportuna democracia económica através dos corpos intermédios, colaboração e complementaridade entre Estado e Mercado".

O actual PSD defende o chamado "terceiro sector" e a responsabilidade

dos cidadãos como alternativa a um Estado Social burocrático e pesado. Eis que a doutrina da Igreja enfatiza, por exemplo, que "o Estado se torna deletério para a sociedade quando uma intervenção directa excessivamente açambarcadora acaba por desresponsabilizar os cidadãos e produz um crescimento excessivo de aparelhos públicos mais guiados por lógicas burocráticas do que pela preocupação de satisfazer as necessidades das pessoas".

Passos fala numa "economia participativa". Diz-se no pensamento social da Igreja: "O Estado pode instigar os cidadãos e as empresas na promoção do bem comum e pôr em prática uma política económica que favoreça a participação de todos os seus cidadãos nas actividades produtivas".

As coisas são o que são. A par disso, descobrem-se também vestígios de um conservadorismo liberal quando Passos menciona a importância dos "laços comunitários", da coesão e da confiança. Esta linguagem das instituições, do tecido social e dos vínculos colectivos é tipicamente comunitarista.

Claro que o PSD, um partido de tribos, nunca nos habitou a grandes enlevos ideológicos. Mas, analisando o discurso, é um erro dizer-se que o PSD se tornou um partido "neoliberal", embora se possa certamente dizer que é hoje menos "social-democrata". Aliás, é essa tensão entre o economicismo de Vítor Gaspar e o conservadorismo liberal de Passos que define a identidade e a hesitação ideológica do governo. *Jurista*

O Estado da pensão

O chefe da Casa Civil da Presidência demarcou Cavaco Silva das notícias sobre as críticas ao Governo. De facto, o Estado de bem-estar português que teve um avanço significativo após o 25 de Abril está a ser desmantelado. A crise financeira e os sucessivos cortes estão a reduzir a qualidade dos serviços, desde a educação à saúde, e as mexidas na Segurança Social penalizam especialmente os actuais contribuintes. Mas os alertas dos amigos de Cavaco parecem mais preocupados com o corte nas respectivas reformas milionárias, do que com a exiguidade dos serviços públicos. Tal como Luís XIV disse "O Estado sou eu", alguns cavaquistas consideram que o Estado Social é a "nossa pensão".

Inquéritos prévios

O director nacional da ASAE, António Nunes, tem uma estranha concepção do processo penal. Disse há dias que as buscas realizadas na semana passada à ASAE de Lisboa e Évora se inseriam num “inquérito prévio” do Ministério Público. António Nunes dirige uma entidade que é órgão de polícia criminal e, por isso, tem poderes de investigação. Deveria, pois, saber que não existem “inquéritos prévios” no processo penal. Existem averiguações preventivas que não admitem buscas. Estas só são possíveis em inquérito judicial. Se Nunes não sabe o básico de uma lei estruturante e dirige uma instituição com o poder que a ASAE tem, é motivo para termos medo. Muito medo!

As falsas prioridades

Ao fim de cinco anos, o procurador-geral da República levantou a voz contra a famosa lei das prioridades da investigação criminal. Há cinco anos, a maioria dos magistrados do Ministério Público que têm responsabilidade na investigação criminal desmistificaram esta lei e foram apodados de corporativos para baixo. O Governo do PS reagiu de forma feroz a bater-se por uma lei que, sabia de antemão, não traria nenhuma novidade em matéria de eficácia no combate ao crime. Foi, porém, apoiado pelos mesmos que alimentaram a fraude que foi o PS na Justiça. Entre esses estavam, também, os que proclamaram não precisar de mais meios. E que sabiam ser tempo e conversa perdida.

Dicionário Lello



Pedro Lomba

Os nossos linguistas, terminologistas e demais peritos nas ciências da linguagem deviam dedicar-se a estudar o fenómeno. Não é investigação para amadores. O problema é complexo. Ao longo dos anos, o político português tem demonstrado e aprimorado uma superior capacidade para arranjar desculpas, digamos, completamente absurdas e esfarrapadas. Não interessa se lhe apresentam declarações e gafes que não pode refutar, ou números que não pode negar. Não. O político português reage às críticas e escândalos desculpando-se sempre com grande auto-indulgência. É certo que o actual primeiro-ministro pediu uma vez directamente desculpas por ter de aumentar impostos. Mas aqui não há pedidos desses. Há apenas formas originais de, perante factos desagradáveis, tornear, fugir, despistar e, sobretudo, gozar com a nossa mediana inteligência.

Um caso extremo e ao mesmo tempo deprimente é o de José Lello. O antigo vocalista duma banda de yé yé nos anos 60 deixou há muito o registo suave de outras épocas. Tornou-se, entretanto, num dos políticos mais trauliteiros

da República. No PS tem inimigos célebres, de Ana Gomes a Manuel Alegre. Mais do que isso. Lello, um dos que frutificam nos interstícios do regime - deputado, dirigente desportivo, administrador de empresas, sei lá o que mais, numa gama de interesses que abrange o mundo empresarial, o futebol, as relações internacionais e as comunidades portuguesas no estrangeiro -, Lello, digo, é dos que há décadas actua na vida pública com total impunidade e irresponsabilidade. Pelo meio vai cometendo as suas argoladas, pois claro. Mas não é homem para se deixar atabalhoar. Justifica-se sempre. É um exímio desculpador de si próprio.

Por exemplo, em Abril do ano passado Lello usou o Facebook para dizer que Cavaco era um “presidente mesmo foleiro” por não ter convidado os parlamentares para as cerimónias de comemoração do 25 de Abril em Belém. Que respondeu ele depois quando começou a ser abalroado pelos jornalistas sobre as suas palavras? Afirmou que “tudo se resumia a uma arrelhadora deficiência tecnológica”, uma vez que nunca pretendia publicar aquele impropério numa rede social. A mensagem dirigia-se via telemóvel para um colega de partido e, por erro de um incompetente informático, acabou no conhecimento público.

Mais tarde, Lello teve outro ataque de nervos na Assembleia quando um repórter fotográfico centrou a objectiva no monitor do seu computador. Bateu a

tampa do monitor com estrépito e argumentou que a sua privacidade estava a ser violada. O Presidente da Assembleia, Jaime Gama, bem lhe notou que o seu computador não era de uso pessoal mas da Assembleia. Lello insistiu afirmando que os deputados “não podem estar sujeitos ao voyeurismo”.

Depois vêm as suas excelentes companhias, gente que leva o nome do Estado português bem alto. Todos nos lembramos daqueles empresários do jogo do bicho que escolheu para representarem o PS e Portugal no Brasil. Outro caso. Em 2009, o seu antigo chefe de gabinete e embaixador português no Senegal, António Montenegro, foi noticiado e investigado (e chamado a Lisboa) por fazer da embaixada portuguesa em Dakar um prostíbulo. Como a vida em Dacar era entediante, o embaixador precisou de espaiar desenvolvendo um certo tipo de diplomacia económica mais ligada ao sector dos serviços. Confrontado com essas práticas do seu antigo colaborador, aliás bastante comentadas no meio, Lello lá reconheceu que “isto não tinha muito a ver com diplomacia”.

E agora o *grand finale*. Ao saber-se que o deputado socialista escondeu durante 14 anos ao Tribunal Constitucional (de 1995 a 2009) uma conta de 658 mil euros no BCP, a cuja declaração estava legalmente obrigado, como é que o nosso Lello se justificou? Que “não conhecia bem a lei e não sabia o que tinha de declarar”. Já nós conhecemos muito bem José Lello. Um caso de estudo.

Jurista

Quem é o Maçom?



José Reis dos Santos

Historiador

Justo entrados no último ano do antigo calendário Maia, parece que o país público decidiu inventar um novo 'reality show' que promete desvendar quem estará por detrás de todos os males da República: "Quem é o Maçom?"

Este novo programa de entretenimento variado, disponível em diversos canais noticiosos, não prima pelo ineditismo: uma anterior versão, ainda a preto-e-branco e com som distorcido, foi inaugurada faz esta semana 77 anos em plena sede de Parlamento (na altura Assembleia Nacional). Aí, na primeira sessão legislativa da primeira legislatura de um Estado que se intitulava de Novo, coube a honra de ser o projecto de Lei n.º 2 exclusivamente dedicado à extinção – legal – da Maçonaria em Portugal.

Na leitura deste senhores, a maçonaria estaria na origem da decadência moral e política da Nação, sendo singularmente responsável pela anarquia reinante em terras lusas. Na realidade tinham razão quando identificavam a Maçonaria como uma das principais forças de combate à Monarquia Constitucional e à casa Real e impulsionadora da República em Portugal, como já havia sido motora da luta contra o absolutismo, o obscurantismo católico e o ultramontismo baco (já a falência da República tem causas bem mais complexas que a presença, activa e pública, de maçons na vida política). Durante a República, recorde, foram ideais maçons que estiveram na promoção da educação pública, do progresso social e do secularismo.

Comparações, ironias e 'blagues' à parte, quero acreditar que o Portugal de 2012 é bastante distinto do de 1935, e que a recente perseguição mediática à maçonaria revela – uma vez mais – apenas a incapacidade da opinião pública e publicada em distinguir o superficial do essencial e saber apresentar, com clareza, as complexas causas do actual estado de calamidade nacional, em especial as nebulosas relações entre o poder económico e político, a natureza e qualidade do recrutamento para exercício de cargos públicos e a incapacidade regeneradora dos partidos políticos. Todas razões há muito identificadas, sistematicamente alvo de promessas eleitorais e de infrutíferas tentativas reformistas (neste tema, não tinha Passos Coelho prometido 'no jobs for the boys'?).

Naturalmente que a Maçonaria não está livre de sofrer dos mesmos problemas do país, de ser objecto de usurpação e albergue de personagens de mau carácter e má rês. Como não estão a Opus Dei, os Jesuítas ou os Maristas. Mais, segundo a tradição e as regras da maçonaria, gentes de tal espécie não têm lugar em tal associação e deveriam ou ser vetadas à entrada ou expulsas, como clamam diversas altas instâncias maçónicas. O problema está na leviana promiscuidade entre os pilares económicos e partidários do nosso sistema político; o que, aliado à falta de transparência endémica, ao clima de impunidade pública e à presença activa e conspirativa (para uso próprio) de muitos chicos espertos, tem permitido demasiados exemplos de abuso de poder e de usufruto indevido do Estado.

A resolução destas incontestáveis constatações deve ser, a meu ver, um dos centros das nossas preocupações enquanto actores activos na vida pública nacional e não, como é evidente, de procurar o Maçom, o Opus Dei, o Marista ou Escoteiro em cada um de nós. ■

O António, o José e o Seguro

**Pedro Sousa
Carvalho**

Subdirector
pedro.carvalho@economico.pt



António José Seguro tem uma tarefa ingrata. Herdou uma bancada cheia de deputados escolhidos por José Sócrates, que Marques Mendes baptizou de “tralha socrática”, e tem ainda por cima de fazer oposição a um programa de Governo PSD/CDS que o próprio PS negociou com a ‘troika’.

Obrigado a fazer a quadratura do círculo, António José Seguro é forçado a multiplicar-se por vários personagens, na tentativa de sobreviver politicamente dentro e fora do partido.

O primeiro desses personagens, chamemo-lo de António, tem um perfil mais responsável e um sentido de Estado mais apurado. É aquele que, segundo as palavras do próprio António, quer fazer uma “oposição honesta, responsável e séria”. O António é amigo pessoal

de Relvas, dá-se bem com Passos e os socráticos não o suportam. Quer alterar as regras de adesão de militantes para erradicar os “sindicatos de voto” e o “caciquismo”. O António é homem para convidar Carrilho para o laboratório de ideias e não ter medo de sarilhos no partido. Absteve-se no Orçamento do Estado e é candidato às eleições legislativas de 2015.

O segundo desses personagens, chamemo-lo de José, sonha com São Bento, mas está apenas a concorrer a eventuais eleições no Congresso do PS em Setembro de 2013. Não se importa de esticar a corda para agradar a meia dúzia de deputados não alinhados, mesmo que isso lhe custe perder a credibilidade política. E tem pesadelos com os fantasmas do António, o Costa, e do José, o Sócrates.

O terceiro desses personagens, chamemo-lo de Seguro, é o mais inseguro de todos. É aquele que quer agradar a gregos e a troianos. É aquele que discorda do Orçamento, mas não arrisca pedir a sua fiscalização sucessiva. O

Seguro é capaz de, no mesmo diploma que previa o corte dos subsídios de férias e de Natal, abster-se e votar contra. O Seguro é capaz de ir buscar o conciliador Zorrinho à ala socrática para chefiar a bancada, mas, talvez por medo, deixa figuras de peso do PS sem assento nos órgãos do partido. O Seguro é aquele que este fim-de-semana veio dizer que vai honrar o memorando, para na frase seguinte dizer ‘Eh pá, mas não privatizem as redes’.

Mas sejamos justos. António José Seguro foi um dos primeiros a pedir mais tempo para a consolidação orçamental, uma ideia que começa a ganhar adeptos entre os economistas; pôs o dedo na ferida quando pediu uma linha de financiamento do BEI para as PME; e foi um dos que nunca desistiu de bater nas teclas do crescimento e emprego, ainda antes de a moda ter pegado.

Mas o País precisa de mais António e menos Seguro, para continuar a ter uma oposição responsável, e uma dose de José o quanto baste para não perder (ainda mais) o partido. ■

Onde param a ministra, o CDS e a CAP?

RUI GAUDÊNCIO

Oito meses depois de Assunção Cristas ter tomado conta do Ministério da Agricultura, o que mudou no sector que era uma das principais bandeiras do CDS? Perguntando de outra maneira: alguém se lembra de medidas concretas da actual ministra que pudessem sugerir a aplicação de uma nova política agrícola em linha com o que o CDS sempre defendeu na oposição? Por mais minucioso que seja o nosso exercício de memória, só nos ocorre uma: a proibição do uso de gravatas em todos os departamentos do ministério.

O anúncio desta medida valeu algumas primeiras páginas à ministra, mas, em rigor, não significa nada e, pior, é reveladora de uma visão centralista do poder. Se Assunção Cristas conhecesse minimamente o sector, saberia que nas delegações concelhias e distritais do Ministério da Agricultura raramente alguém usa gravata. O adereço é comum, provavelmente, nas cúpulas do ministério, instaladas em Lisboa, cuja grande corte serviçal absorve a maior fatia de recursos e bloqueia toda a actividade agrícola. Se há ministério que justifica uma profunda reestruturação e mobilidade laboral, é o da Agricultura. Com a transferência de uma parte dos milhares de funcionários que povoam os serviços centrais para as regiões onde há, de facto, actividade agrícola, em paralelo com uma maior descentralização do poder de decisão, o sector seria mais equilibrado, competitivo e estimulante.

Oito meses depois da entrada em funções do actual Governo, a chamada lei de bronze da burocracia continua a fazer o seu caminho, confinando todo o poder em poucos e centralizando as decisões. Apesar da simplificação de muitos procedimentos, com o recurso à via digital, qualquer candidatura a programas de apoio continua a ser um calvário. Um agricultor que apresente um projecto para comprar umas alfaias no valor de poucos milhares de euros tem de esperar mais de um ano entre a apresentação da candidatura e o pagamento dos apoios. E, enquanto a decisão se arrasta pelos gabinetes, vê-se obrigado a avançar com uma parte do dinheiro, incluindo o IVA dos produtos, endividando-se ainda mais.

A burocracia é tanta no Ministério da Agricultura que



Pedro Garcias
Jornalista e viticultor

muitos investidores já estão falidos quando chega a hora de assinarem os contratos e começarem a receber as primeiras verbas. O Proder (Programa de Desenvolvimento Rural), em vez de ser o grande motor de apoio à modernização da agricultura portuguesa e de criação de emprego, transformou-se num verdadeiro monstro burocrático, conduzindo milhares de agricultores ao desespero e ameaçando a viabilidade de muitos investimentos. Claro que não é isso que os números oficiais dizem. No início deste mês, foi anunciado que o Proder tinha aprovado projectos no valor de 190 milhões de euros, que permitirão criar 3700 postos de trabalho. Mas a realidade é outra. Projectos aprovados não são projectos concretizados. Muitas destas intenções de investimento nunca irão avançar, por causa dos custos que o calvário burocrático e as restrições ao crédito bancário impuseram aos agricultores.

A burocracia é inevitável sempre que em causa estejam financiamentos nacionais e comunitários. Mas há poucos países que levem tão longe o controlo e a desconfiança sobre os agricultores nacionais como o Estado português. O ministério vê os agricultores como potenciais burlões, sujeitando-os a apertadíssimos sistemas de controlo e, em muitos casos, obrigando-os a pagar antecipadamente os investimentos a que se candidatam. Ora, ter que avançar com o dinheiro que não se tem e ficar ainda submetido ao escrutínio quase pidesco do Estado não só não cria um bom contexto ao investimento como encoraja muitos agricultores a desistir. A agricultura nunca foi tão necessária ao país como hoje, mas nunca como hoje foi tão difícil fazer agricultura, apesar dos apoios que existem.

A agricultura nunca foi tão necessária ao país como hoje, mas nunca como hoje foi tão difícil fazer agricultura, apesar dos apoios que existem

O garrote burocrático a que os agricultores portugueses estão sujeitos sofreu o maior apertão com Jaime Silva, o titular da pasta no primeiro Governo de José Sócrates, transformado justamente no bombo de festa dos agricultores portugueses e das associações que os representam, em especial da todo-poderosa CAP – Confederação da Agricultura Portuguesa. Jaime Silva foi um desastre para a agricultura



portuguesa. Mas o actual Governo ainda não fez nada que tornasse o sector mais amigável para os agricultores. E também já ninguém ouve a CAP reclamar. Confederação de inspiração burguesa, a CAP era uma espécie de braço técnico do CDS quando este partido estava na oposição. Agora, com o CDS no Governo, a CAP é o verdadeiro negociador do Estado português em Bruxelas, onde luta por interesses instalados.

Esta inversão de papéis só é possível porque o Ministério da Agricultura nunca foi gerido por uma equipa tão mal preparada como a actual. Basta ver a forma como os dois secretários de Estado, o da Agricultura e o das Florestas e Desenvolvimento Rural, dividiram algumas pastas entre si, para se perceber a incoerência e o vazio que existem. O Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, por exemplo, depende do secretário de Estado das Florestas, o ex-presidente da Câmara de Ponte de Lima Daniel Campelo. Além dos vinhos e das matas, este governante vai passar a coordenar o novo Instituto de Conservação da Natureza. Porém, todos os parques e reservas naturais vão depender localmente dos directores regionais de Agricultura, que respondem hierarquicamente perante o secretário de Estado da Agricultura, José Diogo Albuquerque. Confuso? Tem razão para isso, mas foi ao que chegámos nestes oito meses de consulado de Assunção Cristas. E, no entanto, a simpática ministra continua a viver em estado de graça.

Quanto tempo perdemos só a deitar fora coisas que nos enfiam na caixa do correio ou na nossa conta de *e-mail*? Pelo menos, no caso do correio indesejado, alguém ganhou dinheiro para distribuí-lo, alguém ganhou ao imprimi-lo, alguém ganhou ao redigi-lo. E, caso seja reciclado, talvez possa poupar um ramo de alguma árvore.

A palavra *mail* em inglês (americano) incomoda. Resolve-se o problema acentuando o *í* e escrevendo *maíl*, pronunciado para rimar com *ardil*. O plural seria *maís*, rimando com *país*. Os *maís* indesejados é que não dão dinheiro a ganhar a ninguém. Roubam-nos momentos preciosos de vida. São deletérios porque, sendo deléveis, requerem que sejamos nós a expungir-los.

Os *maís* são o paraíso do forreta, do chato e do preguiçoso. Com um toque, manda milhões de mensagens a milhões de destinatários, sem gastar um tostão. Os *maís* de um-para-um poderiam continuar de graça mas, a partir de dois destinatários, deveriam custar tanto como o selo mais barato. Mandar a mesma porcaria para três já custaria o preço de três selos mais baratos. E por aí adiante.

Não haveria distinção entre *maís* amigos e *maís* comerciais. O creme para obter um pênis maior deve pagar tanto de portagem como a anedota acerca da Angela Merkel ou o vídeo do panda voador no YouTube que desejamos partilhar com os nossos cento e oitenta e quatro amigos. Não penso que se gerasse grande fortuna. Seria mais barato pensar duas vezes antes de mandar uma coisa. E não mandá-la.

O Millennium bcp tem a partir de hoje um novo presidente-executivo, Nuno Amado, e tem, pela primeira vez na sua história, um dono que manda, a Sonangol. Para memória futura, faz toda a diferença.

O maior banco privado português arrasta-se, há pelo menos dez anos, umas vezes melhor, outras pior, por motivos internos e externos à sua gestão e aos seus accionistas. A sua história recente, desde a guerra entre Jorge Jardim Gonçalves e Paulo Teixeira Pinto, ainda está por escrever. Sabe-se pouco, e o pouco que se sabe revela a influência de um Governo, e de Sócrates, numa solução de emergência para tentar salvar o banco. E uma transferência da gestão da CGD para o BCP, que acabou por adiar o inevitável. Um banco, como uma empresa, tem de ter uma de duas condições para sobreviver e vencer: um dono forte ou uma liderança forte. E no Millennium bcp não foi possível garantir nenhuma das duas.

Carlos Santos Ferreira foi o melhor presidente possível, mas era impossível fazer melhor. Porque atravessou uma crise sem precedentes, e porque respondia a vários donos, quase todos capitalistas sem capital e que usaram o banco para as suas guerras, em outras empresas e com outros interesses. Historicamente, Jardim Gonçalves conseguiu ser esse líder, e 'matou' qualquer pretensão de um só dono. Acabou no dia em que o próprio saiu da presidência executiva e quando se percebeu que, na Malhoa, não havia 'rei nem roque'.

A entrada de Nuno Amado é uma oportunidade para o BCP pôr termo à monocultura financeira em que o país vive, dependente, para tudo, do BES e sobretudo de Ricardo Salgado. É uma oportunidade pela sua competência, e pelo facto de, pela primeira vez, um accionista assumir o seu papel de 'dono', com capital.

A Sonangol, que tem cerca de 15% do banco, tem mais capital, leia-se acções, e tem dinheiro. É mau? Foi o que valeu ao longo de 2011 e o que pode ser crítico para atrair novos investidores para o banco. Os accionistas portugueses, esses, têm menos capital, e nenhum dinheiro. Pelo menos agora, não voltaremos a ver um qualquer accionista a festejar os resultados de uma assembleia-geral como se de um jogo de futebol se tratasse. Porque 'isto' não é um jogo, apesar do que se viu na última década. Já não há dinheiro para isso, e ainda bem.

Para Nuno Amado, não haverá os equilíbrios que se pressentiram nos últimos anos. O faz-de-conta que todos mandavam, mas havia um que mandava mais do que os outros. Agora, não, agora manda um, o que tem mais votos, e obedecem os outros, os que têm menos. É assim nas democracias, e uma assembleia-geral é a Democracia do Capital. Nesta, aqui ou em Angola, manda quem tem votos e quem tem, além disso, dinheiro.

Amado constituiu uma equipa que não é apenas sua, é também do accionista Sonangol. Tem uma vantagem, não há equívocos, nem ambiguidades. A responsabilidade do sucesso - ou insucesso - será de Amado e do accionista que manda.

Portugal ensaiou uma ofensiva diplomática em Angola mais relevante do que qualquer missão empresarial. O 'Prós e Contras' em Luanda, com Miguel Relvas e a elite política angolana, deu barulho em Portugal, sobretudo por uma gestão danosa de um programa de rádio, mas cumpriu os objectivos: Angola pode assumir, pela primeira vez, o poder que tem no BCP em Portugal. É aproveitar agora, porque, no momento económico e financeiro do País, mais relevante do que os centros de decisão do capital, são os centros de decisão da gestão. E, no caso do BCP, vai sair do Porto, mas vai ficar em Lisboa. ■

Vergonha e desemprego

1. Cavaco devia ter vergonha de invocar a sua condição de pensionista e de usufruir de duas pensões quando está ainda no activo, a trabalhar a tempo inteiro, como Presidente de República.

Cavaco devia ter vergonha de ter prescindido do seu salário de Presidente da República para poder receber mais uns milhares de euros, quando deixou legalmente de poder acumular as suas pensões com esse ordenado. E de insinuar que o facto de prescindir do salário de PR em favor das suas pensões se deveu a um gesto voluntário, quando a escolha entre os dois rendimentos era um imperativo legal.

Cavaco devia ter vergonha de insinuar que o facto de prescindir do salário de PR em favor das suas pensões se deveu a um gesto de abnegação, quando a escolha que fez consistiu apenas em escolher o maior rendimento possível.

Cavaco devia ter vergonha de referir a sua pensão de 1300 euros como se fosse a sua única ou principal fonte de rendimento, quando não é. E de escamotear o montante da sua pensão como funcionário do Banco de Portugal, dizendo não saber exactamente qual é. Cavaco devia ter vergonha de dizer “aos senhores jornalistas” que poderiam inteirar-se facilmente do valor da sua pensão do BdP, quando sabe que essa informação não é fornecida pela instituição nem seria fornecida por ele próprio.

Cavaco devia ter vergonha de esconder o facto de, apesar de não receber salário como PR, ter as suas despesas pessoais pagas pela Presidência da República.

Cavaco devia ter vergonha de se queixar da sua situação financeira quando conhece a situação de fragilidade da esmagadora maioria dos portugueses, quando sabe que em Portugal o salário médio é de 800 euros líquidos, que um quinto das famílias vive abaixo do limiar de pobreza, quando conhece a situação miserável em que vive a maioria dos verdadeiros pensionistas, com pensões de 200 e 250 euros (devido aos



José Vítor Malheiros

diplomas que ele próprio promulga), quando sabe que existem em Portugal um milhão de desempregados, muitos dos quais sem subsídio.

Cavaco devia ter vergonha de se recusar a esclarecer cabalmente os seus negócios com o BPN e a compra da sua casa em Albufeira e de tentar intimidar quem pede os esclarecimentos a que todos temos direito. Cavaco devia ter vergonha de dizer que já esclareceu tudo o que há para esclarecer sobre as suas finanças quando apenas publica notas crípticas a propósito de metade dos factos que todos os portugueses gostariam de conhecer.

Cavaco devia ter vergonha de ter uma tal duplicidade de critérios que considera a sua pensão de 1300 euros como miserável, mas as pensões muito inferiores de muitos outros cidadãos como adequadas.

Cavaco devia ter vergonha de se apresentar como um pobre pensionista com dificuldades quando possui uma situação de total desafogo financeiro e de objectivo (e compreensível) privilégio. Cavaco devia ter vergonha de estar em tal dessintonia com o país e com os portugueses que diz representar.

Cavaco devia ter vergonha. Mas não tem. Cabe-nos a nós ter vergonha por ele.

2. O “acordo de concertação social” assinado na semana passada vem aumentar o número de dias de trabalho, liberalizar os despedimentos e reduzir os apoios aos despedidos e desempregados. Como o Governo, os patrões e a *troika* pretendiam. O acordo é sustentado por um discurso oficial que diz que estas medidas promovem a “competitividade da economia” e fazem “crescer o emprego”. Mas é apenas uma tática para facilitar despedimentos e pauperizar os desempregados. Os trabalhadores vão ganhar menos, ser mais maltratados nos seus empregos, postos na rua mais facilmente, despedidos por razões arbitrarias ou por delírio de opinião, vão ter indemnizações mais baixas, subsídios de desemprego mais reduzidos e durante menos tempo

e, quando encontrarem outro emprego, vão ser mais mal pagos e mais maltratados que no emprego anterior. E os desempregados que deixarem de ter direito a subsídio vão aceitar condições de trabalho mais “competitivas”, constituindo uma pressão poderosa para baixar os salários de todos. Os patrões chamam a isto “competitividade” mas avisam que esta não chega. E vão continuar a exigir mais “competitividade” até termos os salários e as condições de trabalho da China ou da Nigéria.

O que este acordo deixa claro é que, cada vez mais, o objectivo principal das empresas e do sistema capitalista passou a ser gerar desempregados. Isso é visível na Bolsa, quando vemos as cotações das empresas que despedem milhares de trabalhadores a subir. Os mercados gostam de desempregados. Claro que os patrões dizem que despedem em nome da eficiência e garantem que, se houver mais competitividade, o emprego vai “retomar”. Mas sabemos que não é assim. Os patrões também não gostam do emprego.

A situação poderia não ser dramática se as empresas apenas pedissem flexibilidade para mudar os trabalhadores daqui para ali (o que se compreende), ou mesmo para os despedir em certos casos, mas se houvesse uma sólida rede de segurança social para sustentar os desempregados e as suas famílias até ao próximo emprego. Mas os patrões também não querem isso. Mesmo que não sejam eles a pagar. Os patrões querem uma massa de desempregados miseráveis, sem subsídio de desemprego, dispostos a aceitar qualquer trabalho por qualquer preço. O mais grave é que um desempregado não é apenas alguém que não tem trabalho. Um desempregado é alguém que está de facto excluído da sociedade e da política, que condena à pobreza os seus filhos e que ainda é acusado de parasitismo pelos Álvaros desta vida. Vamos mesmo aceitar uma sociedade com uma massa crescente de sub-humanos sem direitos? (jvmalheiros@gmail.com)

José Vítor Malheiros escreve neste espaço à terça-feira

**Vamos mesmo aceitar
uma sociedade com
uma massa crescente
de sub-humanos
sem direitos?**



Paulo Marcelo

Advogado

inspirar a reforma da Justiça, onde é fundamental envolver os operadores judiciários na mudança.

Foi esse um dos erros do passado. Recordo que Sócrates, no discurso de tomada de posse, apresentou as férias judiciais como medida emblemática, atacando aqueles que trabalham nos tribunais, acusando-os subtilmente de preguiçosos. O resultado foi virar todos contra o governo, que teve de recuar em toda a linha, sem fazer as reformas anunciadas ao longo de seis anos de poder socialista.

Paula Teixeira da Cruz recebeu um ministério falido e os tribunais numa situação de ruptura. Mesmo depois de vários planos de “descongestionamento”, os processos judiciais entrados continuam a superar os findos, engrossando as 1.678.806 pendências (2010). A situação só vai piorar com a crise. Perante estes números – colossais como dizia o outro – percebe-se que não vamos lá com remendos. Nem com mais operadores judiciários que, sublinhe-se, já muito aumentaram nos últimos anos, sobretudo advogados (27.000) e magistrados (3.172), cujos rácios já nos colocam no topo dos países europeus.

Fico desiludido ao perceber que o acordo com a ‘troika’ se focou em problemas conjunturais, em especial nas pendências, a eliminar até ao segundo trimestre de 2013 (alguém acredita?), ignorando os problemas de fundo: uma cultura judiciária formal e burocrática, distante da verdade e da justiça no caso concreto; e alienada de critérios de eficácia. Apesar de dar jeito aos financeiros, que agora dominam a política, é um erro pensar que se melhoram as “estatísticas” sem resolver os problemas de fundo do sistema. É preciso ir mais longe, mudar de paradigma. O que passa por simplificar as regras processuais (para quando a reforma do processo civil?). E dar maior poder aos magistrados, assumindo que são titulares de um órgão de soberania e não uns meros funcionários qualificados. O que implica dar-lhes mais autonomia e os meios necessários, inclusive algo básico como dirigir os seus próprios funcionários, para se focarem no trabalho judicial, libertando-os da actual carga burocrática.

Poderia continuar falando do mapa judiciário, dos recursos dilatórios ou da reforma dos tribunais superiores, onde é preciso ir “para além da troika”. Mas como não acredito que os problemas se resolvem numa folha A4 (algo só ao alcance de Assunção Esteves), volto ao ponto essencial: só envolvendo os operadores judiciários, numa espécie de acordo de concertação judicial, será possível fazer a urgente reforma estrutural da Justiça. Tudo o resto

A semana passada foi marcada pela concertação social. Mais do que as medidas concretas – aquém do necessário – o acordo é um sinal político importante para distender o ambiente pesado que se instalava. O exemplo pode

Na última página do PÚBLICO de ontem achava-se um título curioso: “Investigadora portuguesa provou que comer devagar emagrece”. O trabalho de Júlia Galhardo é sério e original, mostrando que há duas hormonas que nos tiram a fome que, não sendo velozes, aconselham que levemos pelo menos “30 minutos a comer”.

No restaurante típico onde lia o jornal, olhei à minha volta e fiz uma investigação instantânea. Regra geral, quanto mais magro o comensal, mais rapidamente comia. Os mais gordos eram os mais lentos. Os mais gordos não só comiam mais devagar como comiam e bebiam mais. Há uma noção que, petisca daqui, petisca dali, vai um copo, mais outro atrás, e venha o próximo prato, consegue-se arrumar mais mantimentos e bebestíveis do que empregando a técnica de comer e beber tudo à velocidade máxima.

Para comer bem, aliás, tem de se passar o tal ponto da saciedade. Anuncia-se, com orgulho, que já não se tem fome - que é só por gula. A fome é imperioso matar, como fera que é. Uma vez morta, começa-se a almoçar. Há extremistas que gostam de matá-la com pão, manteiga, azeitonas, presuntos queijo e vinho, mesmo antes da refeição começar.

Morta a fome, é-nos devolvido o espírito crítico. Comendo só porque nos sabe bem podemos rejeitar o que não nos agrada e pedir mais uma meia dose do que nos caiu em graça. Comendo mais e mais devagar, durante horas a fio, também permite que se vá bebendo algo mais do que se beberia em 12-15 minutos. É uma alegria.

Crédito malparado e liquidez bancária

O crédito malparado mais do que triplicou desde o início de 2008, revelam os dados de Novembro divulgados ontem pelo Banco de Portugal. Os valores acumulados do incumprimento de famílias e empresas já atinge 12,4 mil milhões de euros, dos quais 3,7 mil milhões só entre Janeiro e Novembro de 2011. No caso das famílias, os maiores aumentos do incumprimento dizem respeito ao crédito ao consumo e ao crédito para outros fins. Mas o malparado no crédito à habitação também está a aumentar, embora a níveis mais modestos, porque essa é a última coisa que as famílias deixam de pagar e só o fazem quando já não lhes resta outra alternativa. Ao mesmo tempo o crédito bancário também tem diminuído fortemente para os particulares, com a quebra do crédito para a compra de casa a atingir 68,4% em Novembro de 2011, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior. Tudo porque os bancos têm dificuldade em obter 'funding' para crédito e porque, num momento de escassez, o crédito disponível tem de ser canalizado para as empresas. Ao mesmo tempo, os bancos estão mesmo a tornar-se em grandes proprietários imobiliários com as casas cujos créditos não são pagos por quem as adquiriu e com as outras que os construtores, que também pediram crédito para as construir, acabaram por não colocar no mercado. Uma situação que justifica a cautela com que os bancos têm de continuar a abordar a concessão de crédito à habitação, aumentando o provisionamento dos créditos de cobrança duvidosa e os 'spreads' para os novos contratos. Existem cerca de um milhão de casas devolutas em Portugal e a grande aposta da banca num período de crise como a actual tem de ser no financiamento das empresas produtoras de bens transaccionáveis e exportáveis. ■

Depois de *Aquele Querido Mês de Agosto*, Miguel Gomes volta-se para a memória da presença portuguesa em África. *Tabu* tem a estrutura “bipartida” habitual nos seus filmes. Hoje no Festival de Cinema de Berlim



Cena do filme *Tabu*



Luís Miguel Oliveira

● *Tabu* de Miguel Gomes vai concorrer às longa-metragens no Festival de Cinema de Berlim. Poderá ganhar o Urso de Ouro. O realizador de *Aquele Querido Mês de Agosto* ensaia, neste novo filme, uma lógica de *racconto*, depois de uma primeira parte contemporânea. Trata-se de um melodrama africano, onde a memória do colonialismo português se defronta com a memória de um “cinema extinto”, de *Tarzan* a Murnau. O filme passa hoje, em Berlim.

Tem alguma relação pessoal ou familiar com África?

Nenhuma, apesar de a minha mãe ter nascido em Angola. Nunca tinha estado em África até ao momento em que fui fazer as *repérages* para este filme. Mas justamente por isso senti-me livre para não fazer com a questão colonial uma ficção exemplar, até em termos pedagógicos. Uma ficção em que as personagens fossem símbolos claros de qualquer coisa. Um dos tabus do filme é este: eu, que nasci em 1972, portanto três anos antes da independência das ex-colónias,

não me sinto obrigado a reiterar um discurso de exemplaridade em relação à questão colonial. Acho que a relação com África, no filme, passa precisamente pelo cinema. Não sei se não estarei mais próximo do *Tarzan*, que via na infância, do que de uma preocupação com a questão colonial, em termos históricos, sociológicos ou políticos. Não passa por aqui porque não me sinto obrigado a isso.

Esse filtro de uma África retratada pelo espectáculo é bastante evidente, por exemplo na maneira como os animais aparecem no filme. Mas sem haver necessariamente um discurso sobre a época colonial, ela surge no filme, sobretudo na segunda parte, associada a uma dimensão espectral. O *Tarzan*, com certeza, mas também há um lado *India Song*...

Que é um filme que eu nunca vi... Mas esse lado espectral...

Espectral no sentido em que as personagens dependem de uma evocação, de um relato feito por alguém. Só vivem em “evocação da vida”?

Exactamente, queria criar uma

distância entre a narração e as imagens da segunda parte do filme. Porque a narração é feita no presente, mesmo que, para mim, seja um presente tão “filme de época” como na segunda parte, talvez por ser uma época pré-*troika*... Mas o mundo daquelas personagens também está a desaparecer. Há uma espécie de melancolia, de sensação de perda na primeira parte, que aliás se chama “Paraíso Perdido”, que idealmente contamina as acções relatadas na segunda parte, apesar destas terem uma carga muito mais romanesca e cinematográfica do que o que vemos na primeira parte. E que, portanto, tudo viesse associado a uma ideia de extinção. Extinção que pode ser a da época colonial mas que também pode ser só a extinção do brilho da juventude. Aliás, o filme tenta uma aproximação a um cinema que também está extinto, foi filmado com materiais à beira da extinção, a Kodak foi à falência há poucas semanas... Para retomar a primeira pergunta, a minha memória pessoal entra por aqui, pelo cinema, dos filmes de aventuras dos anos 1940 a coisas como o *África Minha*.

Que até é citado explicitamente, “ela tinha uma fazenda em África...”

Pois é... Mas portanto, a ideia era trabalhar alguma coisa extinta ou em vias de desaparecer. Só podemos aceder aos fantasmas. A coisa em si já não a podemos recriar, nem a sociedade nem o cinema.

A primeira parte contamina a segunda, mas a inversa também é poderosamente verdadeira.

Quando o filme acaba tem-se vontade de voltar às personagens iniciais, mas elas já não estão lá. É uma sensação de perda curiosa a induzida pelo filme...

R- Pois, mas isso é...

É a vida?

É a vida, claro. O que tentámos foi que a personagem se transfigurasse. Que a Aurora [Laura Soveral] da primeira parte aparecesse de maneira completamente diferente na segunda [quando é interpretada por Ana Moreira] e que justamente essa transfiguração trouxesse outra luz à Aurora da primeira parte. Também, por isso, pensámos que seria melhor centrar a primeira parte não na Aurora mas noutra personagem, a da

vizinha Pilar [Teresa Madruga], que passa o tempo a tentar lidar com as culpas dos outros. A primeira parte é uma espécie de ressaca dos excessos da segunda, excessos coloniais ou romanescos. E, portanto, o centro é a personagem que herda a ressaca, que herda o sentimento de culpa, por difuso que seja, desses excessos. São dois tempos, social e politicamente, e na parte contemporânea interessávamos a personagem que encarnava os complexos de culpa modernos. Sendo que é uma culpa vaga e indeterminada. Não se explica no filme quais são aquelas manifestações a que ela vai, por exemplo.

Mas ao mesmo tempo, e por falar em “paraíso”, o filme sugere que havia de facto uma “mancha” no paraíso...

Se calhar sempre esteve manchado... Eu comecei a pensar neste filme por causa duns tipos que conheci durante a rodagem do *Aquele Querido Mês de Agosto*, que tinham tido uma banda em Moçambique. Tocavam *covers* dos anos 1960, Beatles, etc... Usei uma música deles no *Agosto*, chamada *Mãe*, e depois conheci-os, vários deles estão vivos, moram na zona de Ovar.

Independentemente do olhar político deles, os relatos que faziam eram cheios de verdade emocional. De alguém que se divertiu na juventude, viveu imensas histórias. O paraíso é isso, a juventude, a memória da felicidade.

Na segunda parte é muito curiosa a relação entre as personagens, a narrativa e os habitantes locais. Os miúdos sobretudo, há um que até tem uma *t-shirt* da Samsung...

... E outro tem uma do Obama...

Até por esses anacronismos, reforça-se uma espécie de quebra da *suspension of disbelief*, que faz dos miúdos e doutras figuras locais algo de semelhante a um coro, mas também uma testemunha de algo do género “eis o cinema a chegar”. Eles estão no filme, mas também estão a ver o filme. Ou são “o documentário” a olhar para “a ficção”, como acontecia no *Agosto*. Aqui isso acontece por vezes dentro do mesmo plano?

Em primeiro lugar, nem sequer tinha meios para controlar esse aspecto e vestir toda a gente à época. Mas depois, nem sequer acredito nisso. O espírito de uma época não passa

pelas roupas que se supõe que deviam ser usadas.

É o seu lado *straubiano*?

É o meu lado material, que tem a ver com a verdade da presença das pessoas, para além dos artifícios convencionais. Sabemos que o filme é de 2012, para quê tentar fingir que é de outra época. Se alguém disser “eh pá! Está ali um tipo com uma *t-shirt* do Obama, isto não é sério...”

Sabia desde o princípio que as personagens da segunda parte não fariam e estariam como se num filme mudo?

Sabia.

Porque, como de facto no tempo do mudo, eles falam uns com os outros mesmo que não haja som. Tinham diálogos escritos?

Nalgumas cenas havia pelo menos indicações. Mas muitas vezes estão a dizer disparates. Deve ser, aliás, curioso trazer alguém que saiba ler lábios, porque imagino que tenha uma experiência surreal... Mas não queria fazer um *pastiche* de cinema mudo, antes chegar a uma sensação relacionada com a memória. É o relato de alguém que se baseia em imagens, em recordações, onde os

diálogos não têm lugar. A não ser a voz *off*, a contar a história ou a calar-se. O único guia é essa voz. Até ao momento da sequência das cartas, onde há um diálogo entre um velho e uma morta. Essa sequência da troca de cartas, para mim, é o coração do filme.

Tanto Murnau, *Tabu* no título, a personagem chamada Aurora?

O Murnau interessa-me muito, claro. Mas aqui sobretudo porque, aliás como outros cineastas do mudo, trabalhou sempre por dicotomias, numa coisa completamente binária: campo/cidade...

... luz/sombra, bem/mal...

... Exactamente. E essas dicotomias, paraíso/paraíso perdido, hoje são desvalorizadas em função de uma complexidade psicológica das personagens. Mas eu acho que existe alguma coisa de essencial nessas dicotomias

São arquétipos, contêm tudo, estão por todo o cinema clássico?

Sim, portanto espero que o filme não seja, como diria Passos Coelho, “piegas”, mas seja capaz de explorar, dramática e emocionalmente, todos esses arquétipos contrastantes.